

Criação ou Evolução



*Será que realmente
importa em que
você acredita?*

Criação ou Evolução

***Será que realmente importa
em que você acredita?***

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2013,2018 Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*
Todos os direitos reservados. Impresso nos EUA
*As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário,
são extraídas da versão da Bíblia de
João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.*

Índice

3 A Dramática Mudança da Sociedade

7 A Ciência, a Bíblia e as Suposições Erradas

14 O Testemunho do Novo Testamento

14 Os Cientistas, a Criação e a Evolução

17 Conceitos da Criação no Antigo Oriente Médio

20 O Conceito Grego da Criação

21 O Que Mostra o Registro Fóssil?

32 O Problema dos “Fósseis Vivos”

35 O Registro Fóssil: Expectativa versus Fato

36 O Caso Contra a Evolução

39 A Evolução Pode Explicar a Complexidade da Vida?

48 O Darwinismo Não é o Mesmo que Evolução

49 A Microevolução Não Prova a Macroevolução

50 A Coagulação do Sangue: Um Milagre Biológico

51 O Milagre do Olho

53 Curiosidades da Natureza que Desafiam a Evolução

59 Competição ou Cooperação: Como a Simbiose Desafia Darwin

63 A Prova Científica: Diante dos Olhos do Espectador

66 O Mundo Antes do Homem: A Explicação Bíblica

72 Idade da Terra: A Bíblia Indica Um Intervalo de Tempo Entre o Primeiro e o Segundo Versículo de Gênesis?

75 Gênesis 1 e os Dias da Criação

78 As Consequências Sociais do Darwinismo

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC).

Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referenciada com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ACF – Almeida Corrigida Fiel

BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje

NVI – Nova Versão Internacional

A Dramática Mudança da Sociedade

Por que a evolução tem sido amplamente aceita, e por que a Bíblia passou a ser vista com hostilidade? O que mudou?

A Bíblia por muito tempo foi aceita como um registro verdadeiro e confiável de nossas origens. Mas, então, a teoria da evolução de Darwin tomou conta do mundo como uma tempestade, com consequências trágicas e previsíveis—supostamente provando que o que acreditamos não importa.

Apenas algumas gerações atrás as leis proibiam o ensino da teoria da evolução em algumas comunidades e regiões dos Estados Unidos. A Bíblia era comumente aceita como um registro verdadeiro e confiável de nossas origens. Mas, hoje em dia, quase o oposto é verdadeiro. A Bíblia se encontra proibida nas salas de aulas das escolas norte-americanas e o debate sério sobre a visão



Se formos o auge de um processo evolutivo, por que uma criança humana é tão indefesa, e por muito tempo, em comparação com um recém-nascido de outra espécie?

bíblica da criação do nosso universo e nossas origens humanas também está proibido. Ao mesmo tempo, a crítica à teoria da evolução tem sido, às vezes, implacavelmente reprimida nos círculos acadêmicos e científicos.

Porém, cada vez mais críticos da evolução estão falando no assunto.

Uma Criação sem um Criador?

Certamente, como revela o debate atual do desenho inteligente [*intelligent design*], nem todos os cientistas concordam que não exista um Criador e que nós, seres humanos, somos produto do acaso. Em 1972, o Conselho Estadual de Educação da Califórnia perguntou ao diretor da NASA, Wernher von Braun, chamado de pai do programa espacial norte-americano, sobre o que pensava a respeito da origem do universo, da vida e da raça humana. Veja sua resposta:

“Para mim, a ideia de uma criação não é concebível sem invocar a

necessidade de desenho [*design*]. Uma pessoa não pode ser exposta à lei e a ordem do universo sem concluir que deve haver um desenho e um propósito por trás de tudo. No mundo ao nosso redor, podemos contemplar as manifestações óbvias de um plano ordenado, estruturado ou desenho . . .

“E nós somos humilhados pelas poderosas forças que agem numa escala galáctica, e a ordem intencional da natureza, que confere a uma pequena e desairosa semente a capacidade de se transformar em uma bela flor. Quanto mais compreendemos os meandros do universo e tudo o que ele abriga, mais razão nós temos para nos maravilhar com o desenho inerente sobre o qual se baseia . . .

“Ser forçado a acreditar apenas numa conclusão—de que tudo no universo aconteceu por acaso—violaria a objetividade da ciência em si. Certamente há quem argumente que o universo evoluiu de um processo aleatório, mas que processo aleatório poderia produzir o cérebro de um homem ou o sistema do olho humano?

“Algumas pessoas dizem que a ciência não foi capaz de provar a existência de um Projetista. Eles admitem que muitos dos milagres no mundo em nossa volta são difíceis de entender, mas não negam que o universo, como enxerga a ciência moderna, é realmente uma coisa muito mais maravilhosa do que o homem medieval podia perceber. Ainda afirmam que a ciência tem nos dado muitas respostas e logo o dia vai chegar que nós seremos capazes de entender até mesmo as leis fundamentais da natureza sem um propósito Divino. Elas desafiam a ciência para provar a existência de Deus. Mas realmente devemos acender uma vela para ver o sol? . . .”

“Que estranho raciocínio faz com que alguns físicos aceitem o elétron inconcebível como real enquanto se recusam a aceitar a realidade de um Projetista por não poder concebê-Lo?” (Citado por Scott Huse, *O Colapso da Evolução*, 1997, pp. 159-160).

A reprodução humana desmente a evolução

Muitas pessoas cultas aceitam a teoria da evolução. Mas será que ela é verdade? Curiosamente, a nossa existência como seres humanos é um dos melhores argumentos contra isso. De acordo com a teoria da evolução, as características que oferecem a maior vantagem para a sobrevivência são passadas de geração em geração. No entanto, a reprodução humana em si depõe poderosamente contra essa premissa fundamental da evolução.

Se os seres humanos são o ápice do processo evolutivo, como é que temos a desvantagem de exigir um membro do sexo oposto para nos reproduzir, quando as formas inferiores de vida—tais como as bactérias, os vírus e os protozoários—são assexuados e muito mais prolíficos? Se eles podem se reproduzir por métodos muito mais simples, por que nós não podemos? Se a evolução for verdadeira, o que deu errado?

Vamos dar um passo à frente. Se os seres humanos são o resultado de sucessivas evoluções que ressaltam as características que dão uma van-

tagem de sobrevivência e eliminam aquelas que impedem a perpetuação, então como explicar um bebê humano?

Muitos milhares de espécies de animais recém-nascidos são capazes de começar a sobreviver sozinhos em apenas alguns dias ou, em alguns casos, em apenas alguns minutos. E muitos nem sequer veem seus pais. No entanto, um bebê humano é completamente indefeso, não por alguns dias, mas por vários *anos* depois do nascimento.

Um bebê humano é dependente dos adultos para se alimentar, abrigar e precisa de cuidados para sobreviver. Ademais, cuidar de um bebê indefeso é uma *desvantagem* peculiar para a sobrevivência dos adultos, uma vez que ao darem de seu tempo e energia suas próprias chances de sobrevivência diminuem.

Se a evolução fosse verdade e a humanidade fosse o ápice do processo evolutivo, por que um processo tão básico como a reprodução humana desafia tudo que a evolução diz que é verdade?

Lamentavelmente, essas falhas óbvias nessa teoria são muitas vezes negligenciadas.

Uma cosmovisão com implicações de longo alcance

Até mesmo Charles Darwin, cujas teorias sobre a evolução arrebataram o mundo, parece ter tido dúvidas em alguns aspectos. De acordo com um relatório, em seus últimos anos, ele refletiu sobre o que tinha começado desta forma: “Eu era um jovem com ideias incompletas. Eu fazia perguntas, dava sugestões, sempre querendo saber todo sobre tudo e para meu espanto essas ideias se espalharam como fogo. *As pessoas fizeram delas uma religião*” (citado por William Federer, *O Deus e o País da América [America's God and Country]*, 1996, pág. 199, grifo nosso).

Agora, quase um século e meio depois da publicação da *Origem das Espécies* de Darwin, podemos ver o resultado de seu pensamento. Especialmente na Europa, a crença em um Deus pessoal diminuiu drasticamente. Nos Estados Unidos, as decisões judiciais têm interpretado as garantias constitucionais *de* liberdade religiosa como liberdade *da* religião—proibindo a expressão pública de fé religiosa e negando a rica herança religiosa do país.

Enquanto isso, o mundo padece na tristeza e no sofrimento resultante da rejeição dos padrões morais absolutos. Sem padrões absolutos, não temos nenhuma razão para nos preocupar com o que acontece ao nosso próximo. Podemos muito bem buscar apenas a nossa vantagem pessoal, independentemente do custo para os outros—agindo exatamente como espera a teoria evolutiva.

O homem poderia criar uma religião sem Deus? A aceitação generalizada da evolução mostra que temos feito exatamente isso. A Bíblia nos ensina que Deus criou o homem. A evolução nos ensina que o homem criou Deus.

Se Deus criou o homem, não temos o direito de ignorá-Lo. Se o homem criou Deus, podemos facilmente ignorá-Lo. O que o homem cria ele pode simplesmente deixar para lá. Nesse caso, estão livres para agir como se

Deus não existisse, livres para descartar a Bíblia, livres para determinar por conta própria o que é certo e errado e como vão escolher viver.

O que é mito—Deus ou a evolução? Louis Bounoure, diretor do Museu Zoológico Francês de Estrasburgo e professor de biologia da Universidade de Estrasburgo, declarou: “A evolução é um conto de fadas para adultos. Esta teoria nada tem ajudado no progresso da ciência. É inútil” (citado por Federer, pág. 61).

O professor Bounoure, embora esteja certo sobre a evolução, estava errado numa coisa. Ao invés de ser *inútil*, a evolução tem sido muito útil quando se quer rejeitar a ideia da existência de Deus. Como o Dr. Thomas Woodward afirma: “Muitos estudiosos que trabalham na comunidade de DI [desenho inteligente] têm apontado um fato importante: o Darwinismo não pode implicar em ateísmo, mas parece certo que, em certa medida, o ateísmo implica em Darwinismo” (Darwin Contra-Ataca, 2006, pág. 186).

Neste livro vamos examinar as premissas fundamentais da evolução. Vamos considerar as evidências que os evolucionistas citam para apoiar a teoria. E talvez o mais importante, nós vamos analisar os fatos científicos que os evolucionistas *não* discutem em público—por razões que ficarão óbvias.

Você precisa e *pode* saber se a teoria da evolução é verdadeira. Esperamos que você examine cuidadosamente as evidências. O que você acredita é *importante*.

A Bíblia Merece Confiança?

A Bíblia é muito citada, mas é mal entendida e por poucos acreditada. A Bíblia pode resistir a um escrutínio de suas aparentes contradições? Você pode ter confiança no que a Bíblia diz?

Como é que a Bíblia saíu quando os arqueólogos compararam suas descobertas com o registro da Escritura?

Para saber a verdade sobre estas questões, solicite ou baixe nosso guia de estudo gratuito:

“A Bíblia Merece Confiança”

<http://portugues.ucg.org/estudos>



A Ciência, a Bíblia e as Suposições Erradas

Embora raramente seja divulgada, a evidência contra a evolução vêm se acumulando com as recentes descobertas científicas. Em primeiro lugar, que fatores sociais e culturais levariam a tamanha aceitação da teoria de Darwin?

A teoria da evolução, muito ensinada nas escolas e tida como verdadeira por muitos na comunidade científica, tem sido cada vez mais questionada por cientistas e professores universitários de diversas áreas. Por que surgiram dúvidas? É porque, como tem aumentado o conhecimento científico, agora os cientistas estão preparados para analisar as hipóteses básicas da teoria evolutiva—e, de fato, algumas têm sido completamente refutadas.

Conforme cada vez mais cientistas e educadores tem conhecimento das falhas da teoria, eles estão sendo mais cuidadosos ao avaliá-la. Nos Estados Unidos, algumas escolas estão mais conscientes da crescente evidência cientí-



As falhas na teoria da evolução, como expostas no registro fóssil, levaram um número crescente de cientistas a questionar a evolução darwiniana.

fica contra a evolução e começaram a sugerir que a teoria deve ser menos enfatizada ou tratada com mais imparcialidade na sala de aula.

No entanto, há uma enérgica insistência por muitos na comunidade científica de que a teoria não deve ser questionada, porque muita coisa está em jogo.

Phillip Johnson, professor de Direito da Universidade da Califórnia em Berkeley, escreveu vários livros sobre o debate da evolução. Ele analisa as evidências a favor e contra a evolução como se avaliasse um caso legal. Ele observa que há fortes interesses escusos envolvidos no debate: “A evolução naturalista não é apenas uma teoria científica, é a história oficial da criação desenvolvida pela cultura moderna. O sacerdócio científico que tem autoridade para interpretar a história oficial da criação tem ganhado uma enorme influência cultural com isso, mas que também pode ser perdida essa história

foi colocada à prova. Os especialistas, portanto, têm interesse em proteger a história . . .” (*Darwin em Julgamento [Darwin on Trial]*, 1993, pág. 159).

O professor Johnson examina criticamente a lógica e o raciocínio evolucionista usado no debate. Ele compara a cuidadosa proteção à teoria com um navio de guerra que tem um vazamento: “A evolução darwiniana . . . faz-me pensar em um enorme navio de guerra no oceano da realidade. Suas laterais estão fortemente blindadas à crítica com barreiras filosóficas, e seus decks estão empilhados com grandes armas retóricas prontos para intimidar qualquer pretensão atacante.

“Na aparência, é inexpugnável como a União Soviética parecia ser apenas alguns anos atrás. Mas o navio tem um vazamento metafísico e os oficiais perspicazes do navio começaram a perceber que nem todo o poder de fogo desse navio pode salvá-lo se o vazamento não for consertado. Sem dúvida, haverá esforços heroicos para salvar o navio . . . O espetáculo será fascinante e a batalha continuará por um longo tempo. Mas no fim, a realidade vencerá” (págs. 169-170).

Mas o que está por trás desse debate? Como uma teoria incomprovada pôde ganhar ampla aceitação? Como teorias alternativas foram sumariamente declinadas sem análise? Como o relato bíblico da origem do universo e do homem pôde perder tanta credibilidade?

As raízes da batalha entre a evolução e a Bíblia remontam muitos séculos atrás.

Diferentes interpretações da Bíblia

É uma vergonha que os cientistas e figuras religiosas tenham igualmente perpetuado muitos mitos sobre a criação e a natureza. Nos últimos séculos, a ciência tem refutado algumas noções religiosas sobre a natureza e o universo que os líderes religiosos incorretamente atribuíram à Bíblia. Infelizmente, isso fez com que alguns líderes religiosos e instituições desnecessariamente tomassem posições dogmáticas que demonstraram ser apenas prejudicial no longo prazo.

Ao mesmo tempo, os mal-entendidos sobre o que a Bíblia diz e não diz levaram alguns, de ambos os lados do debate, a aceitar conclusões erradas.

Por exemplo, no final de 1996 o Papa João Paulo II chocou tanto católicos quanto não católicos quando ponderou que a teoria da evolução parecia ser válida para a evolução física do homem e de outras espécies através da seleção natural e adaptações hereditárias. Como pôde acontecer declaração tão surpreendente? Quais os fatores que levaram a essa abrangente conclusão?

A revista *Time* comentou sobre a declaração do Papa: “[o Papa] Pio [em 1950] era cético da evolução, mas tolerava o estudo e a discussão sobre o assunto; a declaração de João Paulo reflete a aceitação da evolução pela igreja. no entanto, ele não divergiu em nada de Pio sobre a questão da origem da alma do homem: que vem de Deus, mesmo que ‘o corpo humano provenha de matéria viva que já existia antes dele’”.

“É improvável que a declaração influencie o currículo das escolas cató-

licas, onde os alunos estudam a evolução desde 1950. Na verdade, aceitar a Bíblia literalmente não tem sido uma marca entre os católicos durante boa parte do século vinte. Questionado sobre a declaração do papa, Pedro Stravinskias, editor da *Enciclopédia Católica* de 1991, disse: “Isso é essencialmente o que Agostinho estava escrevendo. Ele nos diz que não devemos interpretar Gênesis literalmente e que a linguagem é poética e teológica” (4 de novembro de 1996, pág. 59).

O teólogo católico Agostinho viveu 354-430 d.C. *A Enciclopédia Britânica* descreve-o como “uma personalidade dominante da Igreja ocidental de seu tempo, geralmente reconhecido como o maior pensador da antiguidade cristã”. E acrescenta: “Ele fundiu a religião do Novo Testamento com a tradição platônica da filosofia grega” (Décima Quinta Edição, 1975, Micropédia, vol. 1, “Agostinho de Hipona, Santo”, pág. 649-650).

Mal sabia Agostinho que estava fazendo um grave des-serviço a seus seguidores ao ver partes da Bíblia como alegóricas, ao mesmo tempo incorporando em seu ensino as opiniões dos filósofos gregos. Para os próximos 1.300 anos, cobrindo aproximadamente a idade medieval, a visão desses filósofos pagãos se tornaria o padrão para a explicação da igreja romana sobre o universo.

Além disso, os líderes eclesiásticos adotaram uma visão do universo centrado na Terra idealizada por Ptolomeu, astrônomo egípcio, nascido do segundo século. “Foi . . . a partir do trabalho de astrônomos anteriores [gregos]”, diz a *Enciclopédia Britânica*, “que Ptolomeu desenvolveu sua descrição detalhada de um universo centrado na Terra (geocêntrico), uma ideia revolucionária, mas errônea, que conduziu o pensamento dos astrônomos por mais de 1.300 anos . . .”.

“Em essência, é uma síntese dos resultados obtidos pela astronomia grega . . . Sobre os movimentos do Sol, da Lua e dos planetas, novamente Ptolomeu ampliava as observações e conclusões de Hiparco—desta vez para formular sua teoria geocêntrica, que é popularmente conhecida como o sistema de Ptolomeu” (Décima Quinta Edição, 1975, Micropédia, Vol. 15., “Ptolomeu”, pág. 179).

A Bíblia e o universo

Assim, não foi a perspectiva *bíblica*, mas a visão *grega* do cosmos—na qual tudo girava em torno de uma terra estacionária—que estava guiando o conceito humano do universo durante muitos séculos. A Igreja Cató-

É uma vergonha que os cientistas e figuras religiosas tenham igualmente perpetuado muitos mitos sobre a criação e a natureza. Nos últimos séculos, a ciência tem refutado algumas noções religiosas sobre a natureza e o universo que os líderes religiosos incorretamente atribuíram à Bíblia.

lica Romana cometeu o erro de vincular o seu conceito do universo ao dos filósofos pagãos e astrônomos anteriores, e então impuseram essa visão errônea.

Embora os gregos primeiro pensassem que o deus Atlas sustentasse os céus e depois a terra e os hindus acreditavam que a Terra repousava em cima de quatro elefantes gigantes, há muito tempo a Bíblia revelou a verdadeira explicação. Lemos em Jó 26:7 um conceito surpreendentemente moderno e científico, que Deus “suspende a terra sobre o nada”. A ciência tem demonstrado que esse “nada” é a força invisível da gravidade que mantém o planeta em sua órbita.

Séculos se passaram antes que Nicolau Copérnico, no ano 1500, deduzisse que a Terra não era o centro do universo. No entanto, ele foi cauteloso para não desafiar a igreja romana sobre essa crença.

Em 1600, o astrônomo italiano Galileu Galilei observou através de um telescópio as luas que orbitam Júpiter—uma clara evidência contra a ideia de que os corpos celestes giravam em torno da Terra. Depois de mais observação dos planetas, ele passou a concordar com a opinião de Copérnico de que a Terra gira ao redor do Sol e não vice-versa. As autoridades católicas consideraram esta ideia herética e Galileu foi ameaçado de morte se não se retratasse. Por fim, ele fez isso, embora reza a lenda que, quando saiu da presença do Papa, ele murmurou e suspirando disse a respeito da Terra: “ainda assim, ela se move”.

“Quando a igreja romana atacou Copérnico e Galileu”, diz o filósofo cristão Francis Schaeffer, “não foi realmente porque seu ensino continha algo contrário à Bíblia. As autoridades da Igreja fizeram parecer assim, mas foi porque os elementos aristotélicos tinham se tornado parte da ortodoxia da igreja e as noções de Galileu claramente entravam em conflito com eles. De fato, Galileu defendeu a compatibilidade entre Copérnico e a Bíblia, e este foi um dos fatores que provocaram o seu julgamento” (*Como Devemos Viver?*, 1976, pág. 131).

Ironicamente, estas primeiras batalhas entre cientistas e estudiosos da Bíblia se davam contra as *más interpretações* bíblicas e não contra o que a Bíblia realmente diz.

A Bíblia e o progresso científico

Vários séculos depois, uma melhor compreensão bíblica promoveria realmente as realizações e o progresso da ciência. O estudioso inglês Robert Merton afirma que os valores promovidos pelo puritanismo na Inglaterra do século XVII encorajariam os empreendimentos científicos. Um cristão podia glorificar e servir a Deus através de atividades de valor prático para a sua comunidade. Ele não necessitava se recolher a uma vida contemplativa em mosteiros e conventos.

Os cristãos podiam escolher uma vocação melhor para usar seus talentos. A razão e a educação foram elogiadas no contexto de educar as pessoas com o conhecimento prático para que pudessem melhorar suas profissões,

e não os grandes clássicos literários da antiguidade pagã. O puritanismo também incentivou a alfabetização, porque cada crente tinha que ser capaz de ler a Bíblia por si mesmo e não depender do que outros dissessem que isso significava.

Os historiadores perceberam que a invenção da imprensa e a impressão da Bíblia e sua ampla distribuição nos 1500 desempenhou um grande papel no surgimento da ciência moderna. “O surgimento da ciência moderna”, diz Francis Schaeffer, “não entrou em conflito com o que a Bíblia ensina, na verdade, um ponto crucial da Revolução Científica repousava sobre o que ensina a Bíblia”.

“Ambos, Alfred North Whitehead e J. Robert Oppenheimer, ressaltaram que a ciência moderna nasceu da cosmovisão cristã . . . Tanto quanto eu sei, nenhum desses dois homens eram cristãos . . . Visto que os primeiros cientistas acreditavam que o mundo tinha sido criado por um Deus racional, eles não ficaram surpresos ao descobrir que as pessoas podiam descobrir alguma verdade sobre a natureza e o universo com base na razão” (pág. 132-133).

Conforme esta ciência mais baseada na Bíblia se expandiu, os líderes eclesiásticos tinham de admitir que algumas asseverações antigas estavam erradas. Ao ser provado que era falso o ponto de vista de que a Terra era o centro do universo, a igreja perdeu prestígio e credibilidade e a ciência emergiu. Conforme o tempo passava, o estudo científico crescia cada vez mais além da religião dominante, que estava enterrada em seu pensamento grego e medieval.

As primeiras raízes da evolução

Embora a teoria da evolução não tenha sido popularizada até 1859, com a publicação de *A Origem das Espécies* de Charles Darwin, as raízes dessa ideia remontam de muito antes na história.

“Os primeiros filósofos gregos”, explica o físico britânico Alan Hayward, “foram provavelmente os primeiros pensadores a brincar com a noção da evolução. Junto com muitas outras ideias da Grécia antiga, a noção da evolução reapareceu na Europa ocidental nos séculos XV e XVI . . . Mas uma grande dificuldade estava no caminho: Ninguém . . . poderia explicar convincentemente como a evolução poderia ter ocorrido. Cada espécie parecia estar acertada. Parecia não haver nenhuma maneira de uma espécie poder dar origem a outra . . .”.

“Darwin mudou tudo isso com sua teoria de que a maneira como a evolução atuava era pela “seleção natural”. Ele propôs que pequenas variações em cada geração—do tipo de variações naturais que permitem que os criadores produzam novas variedades de cães, vacas, maçãs e rosas—eventualmente, a soma dessas variações acabariam por ser diferenças muito grandes, e, portanto, mais de centenas de milhões de anos depois, poderiam ser responsáveis por todas as espécies da Terra” (*Criação e Evolução: Repensando a Evidência da Ciência e da Bíblia*, 1985, pág. 4-5).

Assim, no final do século XIX, cientistas e educadores foram desviados

de descobrir a verdade sobre a origem e o significado da vida quando adotaram o raciocínio de Darwin. Sua ampla aceitação como uma explicação alternativa para a existência e a diversidade da vida na Terra, divergente do relato de Gênesis, logo levou a uma desconfiança generalizada da Bíblia. Esta grande mudança de pensamento teve grandes consequências. “O darwinismo”, diz o Dr. Hayward, “começa a parecer mais como um enorme labirinto sem saída, onde o mundo tem vagado sem rumo por um século e meio” (pág. 58).

Enquanto isso, as igrejas, tendo incorporado séculos antes conceitos filosóficos gregos, não científicos e antibíblicos em seus pontos de vista, não conseguiam explicar e defender adequadamente os aspectos de seus ensinamentos. Elas, também, acabaram desviadas por misturar a filosofia pagã com a Bíblia. Tanto a ciência quanto a religião construíram suas explicações sobre bases erradas.

A aceitação da evolução

Algumas das razões para a aceitação da teoria de Darwin dizem respeito às condições da época. O século XIX foi uma época de agitação social e religiosa. A ciência estava ganhando muita popularidade. Constantemente, surgiam descobertas e invenções impressionantes. Este clima era propício para as pessoas aderirem a conceitos revolucionários.

Além disso, o próprio Darwin tinha uma reputação impecável como um naturalista dedicado. E apesar de sua teoria conter muitas falhas óbvias, estas foram escondidas pelo tamanho e tédio de seu livro. (Ele descreveu seu livro como “uma longa argumentação”).

Ao mesmo tempo, a igreja romana estava sendo afetada por seus constantes erros sobre a ciência, bem como pelos ataques dos críticos contra seus ensinamentos e a Bíblia. A própria igreja começou a aceitar as explicações supostamente científicas em vez das explicações divinas. Um preconceito contra o sobrenatural lentamente começou a ganhar força.

O impulso cresceu no século XX até que muitos protestantes e católicos se viraram para a *evolução teísta*. Esta é a crença de que Deus intervém ocasionalmente num processo que é em grande parte evolutivo através de medidas como a criação da primeira célula e, então, permitindo que todo o processo de evolução aconteça ou simplesmente esperando que surja o primeiro homem a partir da cadeia gradual da vida e depois lhe dando uma alma.

“A evolução darwiniana para eles”, diz o Dr. Hayward, “é apenas o método pelo qual Deus, mantendo-se discretamente em segundo plano, criou todos os seres vivos . . . A maioria dos evolucionistas teístas tem uma visão um tanto liberal da Bíblia, e muitas vezes consideram os primeiros capítulos de Gênesis como um conjunto de mitos hebraicos” (pág. 8).

O darwinismo e a moralidade

As implicações para a confiabilidade da Bíblia são enormes. Ela é a Palavra inspirada e infalível de Deus ou apenas mitos bem-intencionados?

Há seções da Bíblia que simplesmente estão erradas e não merecem confiança? Jesus Cristo e os apóstolos estavam errados quando afirmaram que Adão e Eva foram os primeiros seres humanos, criados diretamente por Deus (Mateus 19:4, 1 Coríntios 15:45)?

Cristo estava enganado e enganou os outros? É verdade o que afirma 2 Timóteo 3:16, que “toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar . . .”? Claramente, há profundas implicações para a fé e ensino cristão (ver “O Testemunho do Novo Testamento”, na página 14).

Talvez os efeitos dessa teoria sobre a fé do próprio Darwin podem ilustrar os danos que ela pode causar às convicções religiosas. Darwin começou como um estudante de teologia e um fiel respeitador da Bíblia. Mas, quando formulou suas teorias, ele perdeu a fé no Antigo Testamento. Mais tarde, ele já não podia acreditar nos milagres do Novo Testamento.

Há um grande perigo em seguir os passos de Darwin. Devemos nos lembrar do velho ditado: Se você ensinar uma criança que ela é apenas um animal, você não pode reclamar quando ela se comporta como um. Será que não podemos colocar parte da culpa da imoralidade e dos crimes galopantes nos valores e crenças predominantes na sociedade—derivadas em grande parte da teoria da evolução?

Sem a crença em um Deus justo que julgará as ações dos homens, não é mais fácil para as pessoas fazerem o que quiserem? Aldous Huxley, um fervoroso defensor da evolução, admitiu por que muitos rapidamente abraçaram com ardor a evolução: “Eu tinha motivos para não querer que o mundo tivesse significado . . . A libertação que desejamos era . . . a de um determinado sistema de moralidade. Nós nos opusemos à moralidade porque ela interferia com a nossa liberdade sexual” (*Fins e Meios*, 1946, pág. 70).

Julian Huxley, irmão de Aldous Huxley, e também um dos principais defensores da evolução, escreveu mais tarde: “A sensação de alívio espiritual que vem após rejeitar a ideia de um Deus como um ser sobre-humano é enorme” (*Ensaio de um Humanista*, 1966, pág. 223).

Este tipo de pensamento poderia ter algo a ver com a imoralidade desenfreada em tantas escolas e universidades onde Deus foi banido da sala de aula e a teoria evolutiva é ensinada como um fato verídico?

Está na hora de se receber um ponto de vista adequado. A Bíblia é um guia confiável para o saber? Se for assim, então como o relato de Gênesis pode se encaixar com a ideia da Terra ser muito antiga? E o que dizer da evolução? Seu argumento é tão forte assim? Vamos pesar cuidadosamente as provas.

As implicações para a confiabilidade da Bíblia são enormes. Ela é a Palavra inspirada e infalível de Deus ou apenas mitos bem-intencionados? Há seções da Bíblia que simplesmente estão erradas e não merecem confiança?

O Testemunho do Novo Testamento

Muitas passagens nos mostram que Jesus Cristo e seus apóstolos aceitaram totalmente o relato de Gênesis sobre a criação.

Jesus falou sobre “o princípio da criação, que Deus criou” (Marcos 13:19; ver também Mateus 24:21).

Certa vez, ele respondeu a alguns que o questionaram: “Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez [Adão e Eva], homem e mulher?” (Mateus 19:4 ARA, Marcos 10:6). Mais tarde, o Cristo ressuscitado se refere a Si mesmo como Aquele “por meio de quem Deus criou todas as coisas” (Apocalipse 3:14, BLH).

Muitos ficam surpresos ao saber que a Bíblia revela Cristo como o Criador! O apóstolo João declarou no início de seu Evangelho que o Verbo divino por Quem tudo existe era O que se tornou Jesus Cristo (João 1:1-3, 14). Mais de uma vez o apóstolo Paulo explicou aos primeiros cristãos que Deus criou todas as coisas por Jesus Cristo (Efésios 3:9 ACF, Colossenses 1:16). Hebreus 1:2 nos diz que Deus “nestes últimos dias, nos falou pelo Filho . . . pelo qual também fez o universo”.

Paulo também disse aos atenienses que Deus fez todas as nações “de um só sangue” (Atos 17:26 ACF), todos são descendentes de Adão e Eva. Paulo acreditava em tudo que foi escrito na Lei e nos profetas (Atos 24:14), incluindo o relato da criação.

Finalmente, ambos os detalhes e o teor da última carta de Pedro nos diz que ele também acreditava na criação bíblica (ver 2 Pedro 3:4-7).

Os Cientistas, a Criação e a Evolução

Vejamos o que alguns renomados cientistas disseram sobre a criação e a evolução.

Ninguém deve supor que os cientistas concordam unanimemente que Deus não existe e que o mundo em nosso redor é produto de um processo evolutivo sem sentido. Considere o que alguns renomados da ciência disseram sobre a criação e a evolução:

“Porque eu estou bem ciente que dificilmente um único ponto é discutido neste volume [*A Origem das Espécies*] em

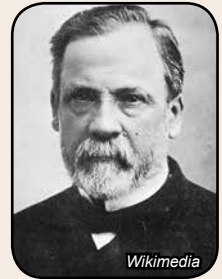
que os fatos não possam ser apresentados, muitas vezes, aparentemente, levando a conclusões diretamente opostas às que-las a que cheguei”.

— Charles Darwin (1809-1882), naturalista britânico que popularizou a teoria da evolução através da seleção natural.

“Quanto mais eu estudo a natureza, mais fico impressionado com a obra do Criador. Em suas menores criaturas, Deus colocou propriedades extraordinárias que transformou-as em agentes de destruição de matéria morta”.

“Um pouco de ciência distancia uma pessoa de Deus, mas muita ciência a aproxima dEle”.

— Louis Pasteur (1822-1895), cientista francês, desenvolvedor do processo de pasteurização do leite e das vacinas para o antraz, cólera aviária e a raiva.



Louis Pasteur

“A teoria da evolução, com a qual nossos jovens estudantes têm sido enganados, constitui, na verdade, um dogma que todo o mundo continua a ensinar, mas cada um, na sua especialidade, o zoólogo ou botânico, sabe que nenhuma das explicações dadas é adequada”.

“A teoria da evolução é impossível. Como um ponto de partida, apesar das aparências, ninguém mais acredita nela . . . A evolução é uma espécie de dogma que os sacerdotes já não acreditam, mas que mantêm para o seu povo”.

— Paul Lemoine (1878-1940), diretor do Museu de História Natural de Paris, presidente da Sociedade Geológica da França e editor da Enciclopédia Francesa

“Postular que o desenvolvimento e a sobrevivência do mais apto é absolutamente uma consequência de mutações casuais me parece uma hipótese baseada em nenhuma prova e incompatível com os fatos. Essas teorias evolutivas clássicas são uma simplificação grosseira de uma massa extremamente complexa e intrincada de fatos, e espanta-me que sejam engolidas tão acrítica e prontamente, e por um tempo tão longo, por tantos cientistas sem um murmúrio de protesto”.

— Sir Ernst Cadeia (1906-1979), co-vencedor do Prêmio Nobel de isolamento e purificação de penicilina de 1945, diretor do Centro Internacional de Pesquisa de Roma para Microbiologia Química, professor de bioquímica do Colégio Imperial, Universidade de Londres.

“Os voos tripulados ao espaço são uma conquista incrível, mas só abriram para a humanidade, até agora, apenas uma pequena porta para ver as profundezas impressionantes do espaço. Uma perspectiva através deste olho mágico nos vastos mistérios do universo só deve confirmar a nossa crença na certeza do seu Criador”.



Wernher von Braun

“É com honestidade científica que apoio a apresentação de teorias alternativas para a origem do universo, da vida e do homem na sala de aula de ciências. Seria um erro negligenciar a possibilidade de que o universo foi planejado, em vez de ter acontecido por acaso”.

“Os ateus de todo o mundo têm . . . chamado a ciência como sua coroa testemunhal contra a existência de Deus. Mas à medida que eles tentam, com o abuso arrogante do raciocínio científico, provar que Deus não existe, surge a verdade simples e esclarecedora de que seus argumentos são como um bumerangue. Uma das leis mais fundamentais da ciência natural diz que nada no mundo físico nunca acontece sem causa. Simplesmente não pode haver uma criação sem algum tipo de Criador Espiritual . . . No mundo em nossa volta, podemos contemplar as manifestações óbvias do plano divino do Criador”.

— Dr. Wernher von Braun (1912-1977), diretor da NASA e pai do programa espacial norte-americano.

“Para mim as respostas fundamentais sobre o sentido da vida não vêm de ciência, mas de uma reflexão sobre as origens do nosso senso exclusivamente humano do certo e do errado e do registro histórico da vida de Cristo na Terra”.

— Francis Collins, ex-ateu e atualmente diretor do Instituto Nacional de Pesquisa do Genoma Humano.



Francis Collins

“Estou convencido de que simplesmente está fora de questão que a primeira matéria viva tenha evoluído de matéria morta e então se desenvolveu em uma criatura extraordinária”.

— Antony Flew, professor de filosofia emérito da Universidade de Reading, anteriormente um dos principais defensores mundial do ateísmo.

Conceitos da Criação no Antigo Oriente Médio

O relato de Gênesis é apenas um mito antigo, nada melhor do que os contos originários de outras culturas ao longo dos milênios?

Muitas pessoas, obviamente, pensam que sim. Observe o que Richard Dawkins, professor de zoologia da Universidade de Oxford e ateu professo, tem a dizer sobre o relato bíblico:

“Quase todos os povos desenvolveram seu próprio mito da criação, e a história de Gênesis é apenas um desses mitos, que pode ter sido adotado por alguma tribo de pastores do Oriente Médio. E não tem um status mais especial do que a crença de certa tribo do oeste africano que diz que o mundo foi criado do excremento de formigas” (Richard Dawkins, *O Relojoeiro Cego: Porque a Evidência da Evolução Revela um Universo Sem Projetista*, 1986, pág. 316).



Os babilônios registraram a sua versão da criação da Terra nesta antiga tábu de argila, agora preservada no Museu Britânico. Ela registra um banquete de comemoração para homenagear a escolha de Marduk como campeão dos deuses após dele ter derrotado a deusa Tiamat, de cujo corpo ele fez o céu e a terra.

Mas seria verdade a suposição do professor Dawkins? O registro de Gênesis é um conto de fadas pouco diferente dos de outras culturas antigas?

Cerca de cinco mil anos atrás, os sumérios da Mesopotâmia deixaram relatos de mitos da criação inscritos em tabuletas cuneiformes. Os sumérios concebiam a Terra como plana e o céu como um dossel de nuvens e estrelas. Eles acreditavam que a terra e o céu foram criados por dois deuses: An, o deus do céu, e Ki, a deusa da terra.

Esses dois deram origem a uma infinidade de outros deuses, cada um com um poder especial e responsabilidade sobre algum

aspecto do reino criado (como os raios, árvores, montanhas, doenças, etc.). Eles viviam em numa corte real no céu, com An, o deus supremo, cercado por quatro deuses criadores subordinados. Abaixo deles estavam um conselho de sete deuses e, finalmente, o restante composto de cinquenta deuses menores.

Todos os eventos físicos poderiam ser interpretados pelos sacerdotes como o resultado da disposição ou capricho particular e pessoal de um desses deuses. Eles poderiam ser aplacados com oferendas e sacrifícios. Embora essas divindades fossem consideradas imortais, sua conduta supostamente não era nada divina. Eles eram descritos, muitas vezes, lutando entre si, cheio de invejas e concupiscências mesquinhas e sujeitos à fome e até mesmo à morte.

Alguns séculos mais tarde, os babilônios conquistaram os sumérios e modificaram esses mitos para exaltar sua própria civilização. Agora era o deus babilônico Marduk quem estava no comando, ele formou os céus e a terra ao matar a monstruosa deusa do mar, Tiamat. De acordo com o relato da criação babilônico:

“O deus Apsu e a deusa Tiamat fizeram outros deuses. Mais tarde Apsu ficou aborrecido com esses deuses e tentou matá-los, mas ao invés disso ele foi morto pelo deus Ea. Tiamat procurou vingança e tentou matar Ea, mas em vez disso ela foi morta por Marduk filho de Ea. Marduk dividiu seu corpo ao meio e de uma metade fez o céu e da outra fez a terra. Então Marduk, com a ajuda de Ea, fez a humanidade a partir do sangue de outro deus, Kingu” (*Vida: Como Ela Foi Parar Aqui?* 1985, pág. 35).

Será que esse tipo de conto bizarro tem alguma semelhança com o relato bíblico da criação? Nem um pouco. As primeiras civilizações do Crescente Fértil tinham relatos similares da criação, mas a única livre de mitos ultrajantes e com um Deus moral e perfeito é a versão bíblica.

Em contraste com as grosseiras lutas politeístas encontradas em tais mitos antigos, o relato de Gênesis é suave, sistemático, racional e—sim—científico.

Observe a reação do astrofísico Hugh Ross ao ler pela primeira vez o relato bíblico da criação: “As evidências [da Bíblia] me impressionaram imediatamente. Eram simples, diretas e específicas. Fiquei espantado com a quantidade de referências históricas e científicas e com o detalhe em si”.

“Levei uma noite inteira só para investigar o primeiro capítulo. Em vez de outro mito bizarro da criação, aqui era um registro diário das condições iniciais da Terra—descrevendo corretamente a partir do ponto de vista da astrofísica e da geofísica, seguidos de um resumo da sequência de mudanças pelas quais a Terra passou para ser habitada por seres vivos e, enfim, por seres humanos”.

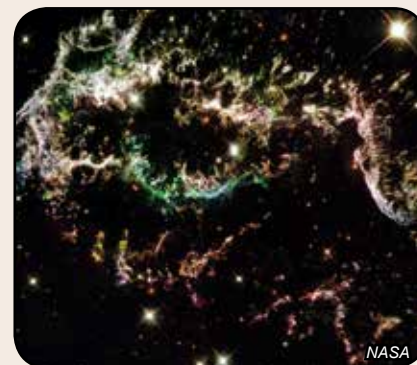
“O relato é simples, elegante e cientificamente preciso. Pelo que eu entendi declarado do ponto de vista de um observador na superfície da Terra, tanto a ordem como a descrição dos eventos da criação são perfeitamente compatíveis com o registro estabelecido da natureza. Fiquei espantado” (*O Criador e o Cosmos*, 1993, pág. 15).

Veja esse reconhecimento em *A História do Mundo de Colúmbia*: “Na verdade, o nosso melhor conhecimento atual, sem a magia poética das escrituras, parece algo menos crível do que o relato da Bíblia” (João Garaty e Peter Gay, editores, 1972, pág. 3).

É natural concluir, como as nações gradualmente se distanciaram do Deus Criador verdadeiro e se afundaram na imoralidade e no politeísmo, que a sua compreensão da criação tornou-se corrompida e, eventualmente, foi usada para sustentar suas perspectivas políticas, sociais, filosóficas e religiosas.

Vernon Blackmore e Andrew Page escreveram: “Hoje, a diferença entre Gênesis e o relato babilônico é evidente. A primeira fala de um Deus criando o mundo e a humanidade com seu próprio comando; o outro descreve o caos e a guerra entre muitos deuses, após o qual um deus, Marduk, molda a humanidade com barro e sangue. A profundidade espiritual e a dignidade de Gênesis ultrapassam muitíssimo as ideias politeístas da Babilônia. No entanto, até a história completa ter sido reconstruída, os estudiosos incautos falaram que o relato bíblico era uma cópia do da Babilônia. Certamente, eles argumentaram, Gênesis deveria ser categorizado como lenda e sua escrita deveria ser datada de muito tempo após Moisés, na época em que Israel era mantida em cativeiro na Babilônia”.

“Muito do liberalismo do século XIX tem sido visto como excessivo. O Antigo Testamento não é um mero reflexo dos antiquíssimos contos babilônicos ou cananeus. Há mais diferenças do que semelhanças entre os textos. Os capítulos iniciais de Gênesis continuam sendo únicos. No entanto, muitos estudiosos ainda categorizam como mito alguns textos bíblicos” (*A Evolução: O Grande Debate*, 1989, pág. 130).



Ao contrário de outras antigas histórias da criação, o relato bíblico da criação é sistemático, racional e científico.

O Conceito Grego da Criação

Os gregos antigos tinham inúmeros mitos da criação, com muitos elementos retirados do modelo babilônico.

Dois poetas, Homero e Hesíodo, descreveram o sistema religioso grego, com seus respectivos deuses nacionais encarregados, enquanto viviam em uma corte real cheia de intrigas e paixões.

Em sua versão Hesíodo viu a origem do universo, como decorrente do caos, da vastidão do espaço que produziu a primeira deusa, Gaia (Terra). Ela criou Urano (o Céu), que se tornou seu marido, e eles produziram muitos deuses menores. A divisão entre o céu e a terra ocorreu quando um de seus filhos, Cronos, em um ataque de ciúmes atacou seu pai Urano. Zeus, que se tornou o deus principal, nasceu do colérico Cronos e de sua esposa Rhea.

Infelizmente, os únicos escritos sobreviventes sobre o cristianismo dos primeiros séculos depois dos apóstolos vieram principalmente de homens imersos no pensamento e na filosofia grega. Estes eram Justino Mártir (110-165), Clemente (160-220), Orígenes (185-254) e Agostinho (354-430), todos antigos discípulos do pensamento de Platão e Aristóteles. Desta forma, a filosofia grega entrou na igreja romana e formou grande parte da sua teologia.

“O problema com os cristãos gentios”, observa o historiador da igreja Samuele Bacchiocchi, “não foi apenas a falta de familiaridade com as Escrituras, mas também a sua fascinação excessiva com suas especulações filosóficas gregas, que condicionaram a sua compreensão das verdades bíblicas. Enquanto os cristãos judeus muitas vezes caminhavam *em direção ao legalismo*, os cristãos gentios frequentemente seguiam *em direção às especulações filosóficas* que separaram o cristianismo de suas raízes históricas” (*Os Festivais de Deus na Escritura e na História*, 1995, págs. 102-103).

Em particular, Orígenes e Agostinho começaram a interpretar muitas partes do livro de Gênesis como alegoria. Eles viam o relato de Gênesis como algo repleto de figuras simbólicas ficcionais representando a verdade, o comportamento humano ou a experiência. Gradualmente, este método alegórico se tornou a norma na compreensão católica de grande parte de Gênesis. Estes equívocos foram influenciando fortemente as autoridades da Igreja ao longo dos anos.

O Que Mostra o Registro Fóssil?

Darwin apostou a credibilidade de sua teoria nas descobertas que ele tinha certeza que seriam encontradas no registro fóssil. Depois de um século e meio de exploração e descobertas, esse registro apoia ou contradiz sua teoria?

A teoria da evolução pode ser provada? Afinal, ela é chamada de *teoria* da evolução pelo fato de que não é uma lei confirmada cientificamente.

Onde podemos encontrar provas que apoiem a evolução para explicar a enorme variedade de vida na Terra?

Os evolucionistas afirmam que a transição de uma espécie para outra nova ocorre por pequenas mudanças incrementais, ao longo de milhões de anos, eles reconhecem que não podemos ver esse processo sendo realizado hoje. Nosso



O registro fóssil contém muitas espécies, cada uma perfeitamente formada e bem adaptada ao seu ambiente. Os paleontólogos admitem que as delicadas formas graduais de transição que existiriam se o darwinismo fosse verdadeiro, simplesmente não são encontradas.

tempo de vida simplesmente é muito curto para se observar diretamente tal mudança. Em vez disso, dizem eles, temos que olhar para o passado—para o registro fóssil que mostra as muitas formas de vida que existiram ao longo da história da Terra—para encontrarmos transições de uma espécie para outra.

O maior desafio de Darwin

Quando Charles Darwin propôs sua teoria em meados do século XIX, ele estava confiante de que as descobertas fósseis forneceriam provas claras e convincentes de que suas conjecturas estavam corretas. Sua teoria previu que devem ter existido inúmeras formas de transição, tudo se combinando gradualmente de forma quase imperceptível de um pequeno passo a outro,

conforme as espécies evoluíssem progressivamente, para formas mais avançadas e melhor adaptadas.

De fato, isso teria que ter sido o caso. Muito mais de um milhão de espécies estão vivas hoje. Para que todas estas tenham evoluído a partir de ancestrais comuns, deveríamos ser capazes de encontrar milhões, se não centenas de milhões, de formas intermediárias que evoluíram gradualmente para outras espécies. Não deviam ser apenas fósseis de espécies de transição entre macacos e seres humanos que teriam de ser descobertos para provar a teoria de Darwin. As lacunas são enormes.

O escritor de ciências Richard Milton observa que os elos perdidos “incluem todas as partes do reino animal: de búzios a baleias e de bactérias ao camelo de duas corcovas. Darwin e seus sucessores previram um processo que começa com simples organismos marinhos, que viviam nos mares antigos, evoluindo a peixes e anfíbios—vivendo parte no mar e parte na terra—e daí a répteis, mamíferos e, eventualmente, aos primatas, incluindo os seres humanos” (*Abalando os Mitos do Darwinismo*, 1997, pág. 253).

No entanto, até o próprio Darwin lutou com o fato de que o registro fóssil não apoiasse as suas conclusões. “Por que”, perguntou ele, “se as espécies descendem de outras espécies por finas gradações, não vemos em todos os lugares inumeráveis formas de transição? . . . Por que não as encontramos embutidas em números incontáveis na crosta da terra?” (*A Origem das Espécies*, de 1859, Edição Obras-primas da Ciência, 1958, págs. 136-137).

“O número de variedades intermediárias, que anteriormente existiram [deve] ser verdadeiramente enorme”, escreveu ele. “Por que, então, não está cada formação geológica e cada estrato cheio desses elos intermediários? A geologia certamente não revela nenhuma cadeia orgânica finamente graduada, e isso, talvez, seja a objeção mais óbvia e séria que possa ser feita contra a teoria” (Darwin, pp. 260-261).

Darwin reconheceu que o registro fóssil não apoiava as suas conclusões. Mas, visto que ele pensou que sua teoria era, obviamente, a explicação correta para as inúmeras variedades de formas de vida na Terra, ele e outros pensavam que era apenas uma questão de tempo e os elos fossilizados perdidos seriam encontrados para preencher as muitas lacunas. Sua resposta para a falta de evidência fóssil para apoiar sua teoria era que os cientistas não tinham observado o suficiente e não tinham procurado nos lugares certos. Eventualmente, eles encontrariam os restos fósseis previstos para provar seu ponto de vista. “A explicação está, creio eu, na extrema imperfeição do registro geológico”, escreveu ele (pág. 261).

Ele estava convencido de que as explorações e descobertas posteriores iriam preencher as lacunas abundantes onde as espécies de transição, baseado em sua teoria, estavam faltando. Mas agora, um século e meio mais tarde, depois de literalmente centenas de serem descobertos e catalogados milhares de animais e plantas fósseis e com poucos cantos do mundo inexplorado, o que mostra o registro fóssil?

O que o registro revela

David Raup é um crente convicto da evolução e um respeitado paleontólogo (um cientista que estuda os fósseis) da Universidade de Chicago e do Museu Field. No entanto, ele admite que o registro fóssil possa ter sido mal interpretado, se não completamente descaracterizado, afirmando: “Um grande número de cientistas bem treinados, fora da biologia evolutiva e da paleontologia, infelizmente, têm uma ideia de que o registro fóssil suporta muito mais o darwinismo do que na realidade. Isto provavelmente vem da simplificação inevitável de fontes secundárias: livros de baixo nível, artigos semipopulares, e assim por diante. Além disso, há provavelmente algumas esperanças vãs. Nos anos após Darwin, seus defensores esperavam encontrar progressões previsíveis. Em geral, *estas não foram encontradas*—mas era difícil acabar com o otimismo, e surgia muita fantasia em alguns livros didáticos” (*Ciência*, vol. 213, julho 1981, pág. 289, grifo nosso).

Niles Eldredge, curador do departamento de invertebrados do Museu Americano de História Natural e professor adjunto da Universidade da Cidade de Nova Iorque, é outro veemente defensor da evolução. Mas ele vê-se forçado a admitir que o registro fóssil não apoia a visão tradicional da evolução.

“Não é de se admirar que os paleontólogos por muito tempo venham se esquivando da evolução”, escreve ele. “*Parece que ela nunca existiu*. A constante coleta de campo tem encontrado zigue-zagues, pequenas oscilações e muito ocasionalmente pequenos acúmulos de mudanças, ao longo de milhões de anos, o que tem sido uma taxa muito lenta para realmente poder explicar toda a prodigiosa mudança que ocorreu na história evolutiva”.

“Quando vemos a introdução da novidade evolutiva, *normalmente é apresentada de repente* e geralmente sem nenhuma evidência concreta de que os organismos não tenham evoluído noutro lugar! *A evolução não pode sempre estar acontecendo noutro lugar*. No entanto, foi assim que o registro fóssil golpeou muitos paleontólogos, que procuravam aprender algo sobre a evolução” (*Reinventando Darwin: O Grande Debate na Grande Mesa da Teoria da Evolução*, 1995, pág. 95, grifo nosso).

Depois de geólogos e paleontólogos terem feito uma grande busca em todo o mundo pelos “elos perdidos”, que Darwin previu que seriam encontrados para sustentar sua teoria, todavia estes continuam desaparecidos.

O falecido paleontólogo da Universidade de Harvard, Stephen Jay Gould, talvez seja atualmente o escritor mais popular da evolução. Ele foi um fervoroso evolucionista e colaborou com o Professor Eldredge para propor alternativas à visão tradicional do darwinismo. Tal como Eldredge, ele reconheceu que o registro fóssil fundamentalmente está em conflito com a ideia do gradualismo de Darwin.

“A história da maioria das espécies fósseis”, ele escreveu, “*inclui duas características particularmente incoerentes com o gradualismo* [a evolução gradual de uma espécie a outra]:

“[1] *Stasis*. A maioria das espécies não apresenta mudança direcional [evolucionária] durante o seu tempo na Terra. Elas aparecem no registro fóssil mostrando-se praticamente as mesmas que quando desaparecem; a mudança morfológica [anatômica ou estrutural] geralmente é limitada e sem direção.

“[2] *Súbito aparecimento*. Em qualquer área local, uma espécie *não surge gradualmente* pela transformação constante de seus antepassados: *ela aparece toda de uma vez e ‘plenamente formada’*” (“*O Ritmo Errático da Evolução*”, *História Natural*, maio 1977, págs. 13-14, ênfase adicionada).

A inexistência de fósseis em lugares cruciais

Francis Hitching, membro da Sociedade de Pré-História e da Sociedade de Pesquisa Física, também vê problemas em usar o registro fóssil para apoiar o darwinismo.

“Há cerca de 250 mil espécies diferentes de plantas e animais fósseis em museus do mundo”, escreve ele. “Isso comparado a cerca de 1,5 milhão de espécies conhecidas vivendo atualmente na Terra. Diante das taxas conhecidas de volume da rotatividade evolutiva, estima-se que pelo menos cem vezes mais espécies fósseis tenham vivido do que as que foram descobertas . . . Mas o curioso é que há uma consistência sobre as lacunas fósseis: *fósseis não existem em todos os lugares importantes*.

“Quando você procura ligações entre os principais grupos de animais, *elas simplesmente não existem*, pelo menos, não em número suficiente para não restar dúvidas. Ou *não existem* ou são *tão raros* que o argumento interminável continua se um fóssil particular é, ou não é ou poderia ser, de transição entre este grupo e aquele outro . . .

“Deveria haver armários cheios desses intermediários—de fato, seria de esperar que os fósseis combinassem tão delicadamente um com outro que seria difícil dizer onde começam os invertebrados e terminam os vertebrados. *Mas isto não é o caso*. Em vez disso, grupos bem definidos e facilmente identificáveis de peixes aparecem no registro fóssil *aparentemente do nada*: misteriosamente, de repente, completamente formados, e de um modo que não é darwiniano. E antes desses fósseis, *existem lacunas ilógicas e enlouquecedoras aonde seus antepassados deviam de existir*” (*O pescoço da girafa: Darwin, Evolução e a Nova Biologia*, 1982, págs. 9-10, grifo nosso).

Reconhecendo que o registro fóssil contradiz ao invés de apoiar o darwinismo, os professores Eldredge e Gould propuseram uma teoria radicalmente diferente que chamaram de “equilíbrio pontuado”, sustentando que rajadas de evolução ocorreram em populações pequenas, isoladas, que depois se tornaram dominantes e não demonstraram nenhuma mudança ao longo de milhões e milhões de anos. Isso, dizem eles, é a única maneira de explicar a falta de evidência para a evolução no registro fóssil.

Como a revista *Newsweek* explica: “Em 1972, Gould e Niles Eldredge colaboraram em certo papel destinado a meramente resolver o embaraço profissional dos paleontólogos: sua incapacidade de encontrar os fósseis

de transição entre as espécies, chamados de ‘elos perdidos’. Darwin, e a maioria dos que o seguiam, acreditavam que o trabalho de evolução era lento, gradual e contínuo e que uma linhagem completa de antepassados, uma sombra imperceptível de um a outro, poderia, em teoria, ser reconstruído para todos os animais vivos . . . *Mas um século de escavação desde então, só fez a sua ausência ainda mais gritante* . . . Foi ideia de Eldredge e Gould cancelar as buscas e aceitar a evidência do registro fóssil em seus próprios termos” (“*Enigmas da Evolução*”, 29 de março de 1982, pág. 39, grifo nosso).

Como alguns observadores apontam, esta é uma teoria que inerentemente não pode ser provada onde a principal evidência dela é a *falta* de evidências no registro fóssil para apoiar as formas de transição entre as espécies.

Registro fóssil não está mais incompleto

O registro fóssil tem sido exaustivamente explorado e documentado. A desculpa de Darwin da “extrema imperfeição do registro geológico” já não tem mais credibilidade.

O quanto está completo o registro fóssil? Michael Denton, médico e pesquisador biológico, escreve que “quando as estimativas são feitas da percentagem das [atuais] formas de vida encontradas fossilizadas, o percentual passa a ser surpreendentemente elevado, sugerindo que o registro fóssil não pode ser tão ruim como geralmente sustentavam” (*Evolução: Uma Teoria em Crise*, 1985, pág. 189).

Ele explica que “das 329 famílias viventes de vertebrados terrestres [mamíferos, aves, répteis e anfíbios] 261 ou 79,1 por cento foram encontradas nos fósseis e, quando as aves (que não são fossilizadas facilmente) são excluídas, o percentual sobe para 87,8 por cento” (Denton, pág. 189).

Em outras palavras, quase 88 por cento das variedades de mamíferos, répteis e anfíbios que povoam a Terra foram encontradas no registro fóssil. Então, quantas formas de transição têm sido encontradas? “. . . Embora cada uma destas classes [peixes, anfíbios, répteis, mamíferos e primatas] esteja bem representada no registro fóssil, *ninguém ainda descobriu fósseis de uma criatura que indiscutivelmente seja produto de transição de uma espécie a outra espécie*. Não há um único indiscutível ‘elo perdido’ que tenha sido encontrado em todas as rochas expostas da crosta da Terra, apesar de extensas e cuidadosas buscas” (Milton, págs. 253-254, ênfase adicionada).

Se a teoria de Darwin fosse verdade, as criaturas de transição, como invertebrados com esqueletos parcialmente desenvolvidos, peixes com pernas rudimentares, répteis com asas primitivas e inúmeras criaturas com características anatômicas semidesenvolvidas seria a regra e estariam espalhadas ao longo dos estratos fósseis. Mas simplesmente eles não existem.

E as provas dos fósseis?

Ocasionalmente várias espécies fossilizadas têm sido apresentadas como prova cabal da obra da evolução. Talvez a mais famosa seja a suposta evo-

lução do cavalo, assim apresentada em muitos livros de biologia. Mas isso realmente representa o que afirma ser?

Observe o que o professor Eldredge tem a dizer sobre esta “prova” clássica da evolução: “George Gaylord Simpson passou parte considerável de sua carreira examinando a evolução do cavalo. Sua conclusão final: a evolução do cavalo de modo algum foi um caso simples, linear e direto como foi dado a entender que aconteceu . . . A evolução do cavalo não procede de uma série única, a partir do passo A ao B e assim por diante, que tenha culminado nos atuais, cavalos grandes com apenas um dedo na pata. A evolução do cavalo, para Simpson, parecia muito mais complexa, como muitas espécies vivas, a qualquer momento—espécies com diferenças bem acentuadas de uma a outra, que tinham um número variável de dedos, uma variedade de tamanho dos dentes, e assim por diante”.



Até as primeiras formas de vida encontradas no registro fóssil, como esta trilobita, são extraordinariamente complexas, muito além das formas primitivas previstas pelo darwinismo.

“Em outras palavras, é fácil, e muito tentador, pesquisar a história de fósseis de um grupo e selecionar exemplos que melhor pareçam exemplificar a mudança linear ao longo do tempo . . . Mas escolher apenas essas espécies que exemplificam estágios intermediários ao longo de uma tendência, e ignorar todas as outras espécies que não parecem se encaixar bem, é outra coisa. A imagem se encontra distorcida. O padrão atual da evolução não está plenamente representado” (pág. 131).

Efetivamente, Eldredge admite que os paleontólogos tenham escolhido e continuam escolhendo as espécies que acham que melhor se encaixam com a sua teoria e ignoram o resto. George Gaylord Simpson foi ainda mais direto: “A transformação contínua e uniforme de *Hyracotherium* [uma espécie fóssil que pensam ser o ancestral do cavalo] até *Equus* [o cavalo moderno], tão querida ao coração de gerações de escritores de livros didáticos, nunca aconteceu na natureza” (*Vida do Passado*, 1953, pág. 119).

O professor Raup discorre sobre o problema dos paleontólogos frente à tentativa de demonstrar a evolução no registro fóssil: “Estamos agora cerca de 120 anos depois de Darwin e o conhecimento do registro fóssil foi bastante expandido. Temos, agora, um quarto de milhão de espécies fósseis, mas a situação não mudou muito. O registro da evolução ainda é surpre-

endentemente irregular e, ironicamente, *temos ainda menos exemplos de transição evolucionária do que tínhamos no tempo de Darwin*”.

“Com isto quero dizer que alguns casos clássicos de mudança darwiniana no registro fóssil, como a evolução do cavalo na América do Norte, *tiveram de ser descartados ou modificados* pelo resultado de informações mais detalhadas—o que parecia ser uma delicada e simples progressão quando relativamente havia poucos dados disponíveis *agora parece ser muito mais complexa e muito menos gradualista* [evolucionária]” (“*Conflitos entre Darwin e Paleontologia*”, 50^a Boletim do Museu Field de História Natural, Janeiro de 1979, págs. 22-25, ênfase adicionada).

O segredo bem guardado da paleontologia

O que tudo isso significa? Numa linguagem clara, se a evolução significa a mudança gradual de uma espécie de organismo a outra espécie, a característica marcante do registro fóssil é a *ausência* de provas dessa evolução —e *inúmeras provas ao contrário*. O único lugar lógico para encontrar provas para a teoria da evolução é o registro fóssil. Mas, em vez de mostrar a mudança lenta e gradual ao longo de eras, com novas espécies surgindo continuamente, *os fósseis mostram o oposto*.

O professor Eldredge, comentando sobre a magnitude do problema, admitiu que Darwin “essencialmente inventou um novo campo de pesquisa científica—o que hoje é chamado de ‘tafonomia’—para explicar por que o registro fóssil é *tão deficiente, tão cheio de lacunas*, a ponto de *simplesmente não apresentarem* os padrões previstos de mudança gradual” (*Reinventando Darwin*, págs. 95-96, grifo nosso).

O professor Gould igualmente admitiu que a “extrema raridade” de evidência para a evolução no registro fóssil é o “*segredo comercial da paleontologia*”. Ele chegou a reconhecer que “as árvores evolutivas que enfeitam nossos livros didáticos somente têm dados das extremidades e dos nós de seus ramos, o resto é dedução, seja quão razoáveis sejam, mas *nenhuma prova dos fósseis*” (Gould, pág. 14, grifo nosso).

Mas os paleontólogos compartilham esse segredo comercial com os outros? Dificilmente. “A leitura popular ou até mesmo as introduções dos livros didáticos sobre a evolução . . . dificilmente deixam você enxergar que elas [as lacunas fósseis] existem, pois a maioria dos autores, sem hesitação e confiantemente passa por essas lacunas como se nada fossem. Na ausência da evidência fóssil, eles escrevem o que tem sido chamado de histórias ‘do que simplesmente ocorreu’. Uma mutação apropriada ocorreu em certo lugar num momento crucial, e voilá, um novo estágio de evolução foi alcançado” (Hitching, págs. 12-13).

Quanto a esta deturpação de provas, Phillip Johnson escreve: “Quase todo mundo que fez um curso de biologia da faculdade nos últimos sessenta anos ou mais tem sido levado a acreditar que o registro fóssil era um baluarte de apoio à tese clássica de Darwin, e não uma suposta probabilidade que precisava ser explicada . . .”.

“O registro fóssil mostra um padrão consistente de aparecimento súbito seguido de uma estagnação; que a história da vida é mais uma história de variação em torno de um conjunto de desenhos básicos do que um acúmulo de avanços; que a extinção tem sido predominantemente pela catástrofe em vez da obsolescência gradual; e que as interpretações ortodoxas do registro fóssil, frequentemente devem mais ao preconceito darwinista do que à própria evidência. Os paleontólogos parecem pensar que é seu dever proteger o restante de nós das conclusões errôneas às quais poderíamos chegar se tivéssemos conhecido o verdadeiro estado da evidência” (*Darwin em Julgamento*, págs. 58-59).

O segredo que os evolucionistas não querem revelar é que, segundo suas próprias interpretações, o registro fóssil mostra espécies totalmente formadas que aparecem por um tempo e depois desaparecem sem nenhuma alteração. Outras espécies que apareceram em tempos anteriores, também, desapareceram com pouca ou nenhuma mudança. O registro fóssil simplesmente não apoia a tese central do darwinismo, que as espécies evoluíram lenta e gradualmente de uma forma para outra.

Um fato ou uma interessante especulação?

O professor Johnson observa que os “darwinistas consideram que a evolução é um fato, não apenas uma teoria, porque fornece uma explicação satisfatória para o padrão de relacionamento que liga todos os seres vivos —um padrão associado em suas mentes com o que eles consideram ser a *causa* necessária desse padrão—descendência com mutação—que, para eles, uma relação biológica *significa* uma relação evolucionária” (pág. 63, ênfase no original).

A linguagem da evolução que é enganosa como uma cortina de fumaça e espelho gira principalmente em torno da classificação das espécies vivas. Os darwinistas tentam explicar as relações naturais que observam no mundo animal e vegetal pela categorização de animais e plantas de acordo com as semelhanças físicas. É possível se dizer que a teoria de Darwin não é nada mais do que a observância culta do óbvio, isto é, da conclusão de que a maioria dos animais parece estar relacionada entre si, porque a maioria dos animais tem uma ou mais características comuns.

Por exemplo, você pode ter uma classificação superficial de baleias, pingüins e tubarões em um grupo classificado como animais aquáticos. Você também pode ter pássaros, morcegos e abelhas agrupadas como criaturas voadoras. Estas não são as classificações finais, porque há muitas outras diferenças óbvias. A abordagem darwinista, no entanto, é a de utilizar as semelhanças óbvias gerais para demonstrar, não que os animais eram meramente *semelhantes* em muitos aspectos, mas que estão *relacionados uns com os outros* pela descendência de um ancestral comum.

Professor Johnson expressa desta forma: “Darwin propôs uma explicação naturalista para as características essencialistas do mundo vivo que foi tão impressionante em seu apelo lógico que conquistou o mundo cientí-

fico, mesmo enquanto havia dúvidas sobre algumas partes importantes de sua teoria. Ele teorizou que os grupos descontínuos do mundo vivo eram descendentes de ancestrais comuns há muito extintos. Os grupos listados tinham uma relação muito estreita (como répteis, aves e mamíferos), compartilhando um ancestral comum relativamente recente; todos os vertebrados compartilham de um ancestral comum mais antigo; e todos os animais compartilham de um ancestral comum ainda mais antigo. Ele, então, propôs que os ancestrais devem ter sido ligados a seus descendentes por longas cadeias intermediárias de transição, também já extintas” (pág. 64).

Os evolucionistas exercem uma *percepção seletiva* quando olham para as provas—semelhante a decidir ver metade de um copo de água como meio vazio ou meio cheio. Eles escolhem pairar nas similaridades em vez das diferenças. Ao fazer isso, eles são levados para longe da verdade do assunto: que as semelhanças são evidências de um *Projetista comum* por trás da estrutura e função das formas de vida. Cada espécie de animal foi criada e concebida para existir e se desenvolver de forma particular. Darwin e os subsequentes proponentes da visão evolucionária da vida centrada em semelhanças se concentraram nas principais classificações de animais e chamaram a suposição dessas semelhanças de prova de que todos os animais são relacionados um ao outro através de ancestrais comuns.

No entanto, existem diferenças importantes nas formas de vida na Terra. Se, como a evolução supõe, todas as formas de vida tinham ancestrais comuns e correntes de intermediários ligando esses ancestrais, o registro fóssil deveria transbordar de muitas dessas formas intermediárias entre as espécies. Mas, como já vimos, os paleontólogos admitem que o registro fóssil não mostra isso.

Simples formas de vida?

Uma vez que o registro fóssil não apoia a visão tradicional da evolução, *o que isso demonstra?*

Nós já vimos como vários renomados paleontólogos admitiram que o registro fóssil mostra somente o *súbito aparecimento* de formas de vida. Como Stephen Jay Gould diz, “Em qualquer área local, uma espécie não surge gradualmente pela transformação constante de seus antepassados: ela aparece de uma vez e ‘inteiramente formada’” (Gould, págs. 13-14).

Quando detalhamos o viés evolucionista inerente a maioria das apresentações do registro fóssil, descobrimos que o registro não mostra uma subida gradual do simples ao complexo. Bastam ver alguns dos fósseis mais antigos encontrados, os das bactérias. O que é interessante é que as bactérias não são organismos completamente simples.

Na realidade, *não* existem formas de vida simples. A tecnologia moderna tem mostrado que até mesmo uma única célula é extraordinariamente complexa.

Michael Behe é professor associado de bioquímica da Universidade de Lehigh, na Pensilvânia. Depois de observar a percepção dos cientistas

quanto à mudança das mais elementares formas de vida, ele escreve: “Nós, seres humanos, tendemos a ter uma opinião bastante exaltada de nós mesmos, e essa atitude pode ofuscar a nossa percepção do mundo biológico. Em particular, a nossa atitude sobre o que é mais alto e mais baixo em biologia, o que é um organismo avançado e o que é um organismo primitivo, começa com a presunção de que o auge da natureza somos nós mesmos . . . No entanto, outros organismos, se pudessem falar, poderiam argumentar veementemente pela sua própria superioridade. Isso inclui as bactérias, que, muitas vezes, as vemos como as mais rudes formas de vida” (*A Caixa Preta de Darwin*, 1996, págs. 69-70).

Quando Darwin escreveu *A Origem das Espécies*, cerca de um século e meio atrás, os cientistas não sabiam tanto sobre a célula (e organismos unicelulares) como sabem hoje. Darwin pensava que organismos unicelulares eram muito primitivos. Na verdade, naquela época muitos ainda pensavam que a vida poderia surgir naturalmente de matéria inanimada—por exemplo, que a carne em decomposição espontaneamente produzia moscas.

Muitos anos se passaram antes que o cientista francês Louis Pasteur demonstrasse, através de uma série de experimentos meticulosos, a impossibilidade de tal ideia. No entanto, até mesmo Pasteur teve que travar uma batalha com os cientistas de sua época para convencê-los de que a vida só pode vir a partir de formas de vida pré-existent.

Assim, a ideia de Darwin—que unicelular significa simples—não foi questionada na época. Mais tarde, descobertas mostraram que até mesmo os organismos unicelulares, encontrados no início do registro fóssil, são muito mais complexos do que Darwin e outros poderiam ter imaginado.

Uma explosão de formas de vida

Os paleontólogos consideram largamente o Período Cambriano, um dos mais antigos na opinião deles, como o período mais primitivo no qual extensas formas de vida estão preservadas. Uma vez que apenas restos de vida marinha são encontrados em estratos Cambrianos, os paleontólogos interpretaram esses depósitos com uma data de um período antes de os animais terrestres terem evoluído.

A *Enciclopédia Encarta* diz desta época: “Pelo início da Era Paleozóica, o conteúdo de oxigênio cada vez maior da atmosfera e nos oceanos . . . tinha tornado possível ao ambiente marinho apoiar novas formas de vida que poderiam derivar da energia advinda da respiração. Embora a vida ainda não tivesse invadido a terra seca ou o ar, os mares do período Cambriano fervilhavam com uma grande variedade de invertebrados marinhos, incluindo esponjas do mar, vermes, briozoários (“musgos”), hidrozoários, braquiópodes, moluscos (entre eles os gastrópodes e espécies ancestrais do nautilus), artrópodes primitivos, como o trilobita e algumas espécies de equinodermos.

“A única planta viva da época consistia de algas marinhas. Como muitos desses novos organismos eram relativamente grandes, *invertebrados marinhos complexos* com conchas e esqueletos rígidos de quitina ou cal,

eles tinham uma chance muito maior de preservação de fósseis do que as criaturas de corpo mole da Era Pré-cambriana anterior” (1997, “Período Cambriano”, ênfase adicionada).

Observe que invertebrados marinhos *complexos* são encontrados em depósitos de fósseis do Período Cambriano. Muitos não entendem, mas até mesmo os paleontólogos reconhecem que a vida não começa com apenas algumas criaturas simples. Nos níveis mais baixos dos estratos geológicos, o registro fóssil é composto de criaturas complexas como as trilobitas.

A revista *Time* disse em uma longa reportagem de capa que descrevia as criaturas fossilizadas encontradas nos estratos cambrianos: “Em uma explosão de criatividade como nunca visto antes ou depois, a natureza parece ter esboçado os planos em praticamente todo o território do reino animal. Esta explosão de diversidade biológica é descrita pelos cientistas como o Big Bang da biologia” (Madeleine Nash, “Quando a Vida Explodiu”, 4 de dezembro de 1995, pág. 68).

Ao contrário do que supunham os antigos evolucionistas, a vida não começa com apenas algumas espécies rudimentares. Mesmo aqueles que defendem a interpretação tradicional do registro fóssil admitem que ela tenha começado com muitas formas de vida similares às que encontramos hoje. Ao mesmo tempo, eles não conseguem explicar essa grande “explosão” de formas de vida em tão curto espaço de tempo geológico, o que prevê a teoria evolutiva levaria muito mais tempo.

Perguntas sem respostas

Os defensores da evolução tiveram que recuar das afirmações de Darwin e outros. “Ao longo das décadas, os teóricos evolucionários, começando com Charles Darwin, tentaram argumentar que o aparecimento de animais multicelulares durante o Período Cambriano simplesmente parece ter sido súbito, e de fato foi precedido por um longo período de evolução para que o registro geológico que se encontra faltando. Mas essa explicação, embora remendado o buraco dessa teoria de forma magistral, agora isso parece cada vez mais insatisfatório” (ibidem).

Novamente, os fatos gravados na rocha não coincidem com as suposições e previsões do pensamento evolutivo. Mesmo se aceitássemos a interpretação do registro fóssil dos evolucionistas, vemos o início da vida nos níveis mais baixos, com criaturas complexas, com órgãos elaborados e outros recursos—mas sem antepassados conhecidos. A vida não começa como previsto pela evolução, com formas simples gradualmente se transformando em espécies mais complexas.

Embora acatando a linha evolutiva, o artigo da revista *Time* admite: “É claro, entender o que tornou possível a explosão cambriana não aborda a questão maior do que a fez acontecer tão rapidamente. Aqui os cientistas escorregam suavemente na delicada situação da escassez de dados, sugerindo cenários que são baseados na intuição e não em evidência sólida” (*Time*, pág. 73).

Os evolucionistas têm sido conhecidos por criticar incisivamente os cristãos, porque eles não têm prova científica dos milagres registrados na Bíblia.

No entanto, aqui está um acontecimento geológico extremamente importante e com abrangentes implicações para a teoria da evolução—mas para o qual os cientistas não têm explicação: Obviamente, assim eles têm que assumir que a vida surgiu a partir de antecedentes não vivos—violando assim as leis da biogênese! Então, suas hipóteses fundamentais não seriam também uma forma de fé?

Uma explicação razoável é que as formas de vida encontradas no estrato Cambriano foram criadas por Deus, que não deu certo por acaso, mas pelo desenho.

O registro fóssil é a única prova objetiva que podemos examinar para ver se a evolução é verdadeira. Mas, em vez de apoiar o darwinismo, o registro fóssil mostra organismos extremamente complexos os quais os evolucionistas interpretam como os estratos de fósseis mais antigos; mostra que não existem formas intermediárias entre as espécies; mostra pouca ou nenhuma mudança nas espécies em toda sua extensão do registro fóssil; e mostra o súbito aparecimento de novas formas de vida, em vez da mudança gradual suposta por Darwin e seus seguidores.

Se olharmos para a prova objetivamente, concluímos que a história da criação em Gênesis 1—descrevendo o súbito aparecimento de formas de vida—é uma explicação crível.

O Problema dos “Fósseis Vivos”

Apesar das esperanças vãs da parte dos evolucionistas, o registro fóssil não corrobora e nem pode corroborar com o darwinismo.

A coluna geológica descrita nos livros de ciências e nos museus supostamente mostram formas de vida que existiram em determinado momento da história do nosso planeta. As trilobitas, por exemplo, acredita-se ter vivido durante o Período Cambriano e mais tarde foram extintas.

Os dinossauros caminharam sobre a Terra durante o chamado Período Jurássico e Triássico e também mais tarde se tornaram extintos.

De acordo com o pensamento científico tradicional, tais criaturas não podem ser encontradas na Terra hoje porque a coluna geológica mostra que eles foram vítimas da extinção há milhões de anos. No entanto, várias descobertas de “fósseis vivos” têm trazido dúvidas sobre essa interpretação longamente aceita do registro fóssil.

Uma captura surpreendente

Talvez o mais impressionante—e famoso—desses fósseis vivos seja o celacanto. Os fósseis desse peixe raro apareceram pela primeira vez em estratos do período Devoniano, com uma idade estimada em 350 milhões de anos.

Por anos os paleontólogos pensaram que o celacanto tinha sido extinto há cerca de 70 milhões de anos, uma vez que não encontraram restos fósseis do peixe em depósitos formados depois do período Cretáceo. Mas as coisas mudaram drasticamente em dezembro de 1938, quando uma traineira de pesca capturou um celacanto vivo na costa leste da África do Sul. Os cientistas ficaram surpresos.

Afinal, a descoberta foi semelhante a encontrar um dinossauro vivo em um remoto pedaço de selva!

Desde essa primeira e chocante descoberta, pescadores e cientistas conseguiram mais espécimes.

Os pesquisadores ficaram consternados ao descobrir que os habitantes das Ilhas Comoro, perto do local onde foi encontrado, tinham usado os celacantos como alimento por muitos anos, secando e salgando a carne desse peixe raro.

A descoberta de celacantos vivos provou ser um constrangimento profundo para aqueles que tentam usar a evolução para interpretar o registro geológico.

E foi notadamente constrangedor para aqueles que, com base em espécimes fossilizados, tinham proposto anteriormente o celacanto como um excelente candidato ao tipo de peixe que primeiro teria se arrastado para fora dos oceanos para viver em terra firme. No entanto, a descoberta de um peixe que era para estar extinto há milhões de anos e que alguns paleontólogos esperavam ser uma ligação vital que falta na suposta cadeia evolutiva, não tem levado muitos a questionar suas teorias a respeito do suposto calendário evolutivo.

Se os celacantos tivessem sido as únicas criaturas encontradas vivas que deveriam estar extintas, então poderíamos aceitar a sua descoberta como uma excentricidade que provou pouco ou nada significativo.

Porém, a lista de tais fósseis vivos tem crescido consideravelmente nos últimos anos.

A floresta jurássica encontrada viva

Outro fóssil vivo é um tipo de pinheiro que, de acordo com a interpretação tradicional da coluna geológica, deveria ter sido extinto há mais de cem milhões de anos. Mas isso mudou com uma descoberta notável em 1994:

“Aventurando-se em um bosque isolado de uma floresta tropical preservada a duzentos quilômetros de Sydney, um funcionário do

Serviço de Parques e Vida Selvagem [David Noble] de repente viu-se em um verdadeiro ‘Jurassic Park’—diante de árvores que desapareceram há 150 milhões anos . . . ‘A descoberta é o equivalente a encontrar um pequeno dinossauro ainda vivo na Terra’, disse Carrick Chambers, diretor do Jardim Botânico Real . . . os parentes mais próximos dos Pinheiros Wollemi morreram no Período Jurássico, entre 190 milhões e 135 milhões de anos atrás, e do Período Cretáceo, entre 140 e 65 milhões de anos atrás” (*Tribuna de Salt Lake City*, 15 de dezembro de 1994, pág. A10).

Da mesma forma, a árvore da sequóia vermelha do alvorecer (espécie glyptostroboides do Metasequoia) foi descoberta na China em 1941. A Enciclopédia Britânica diz: “Descoberta primeira como fósseis depositados no Mioceno (23,7 a 5,3 milhões de anos atrás), acreditava-se que foram extintos até ser descoberto crescendo em Szechwan, província da China. Sua distribuição no final do Mesozoico e Terciário (66,4 a 1,6 milhões de anos atrás) foi toda no hemisfério norte” (Texto da Internet de 2000, “As gimnospérmicas”).

Evolução parou no tempo?

Outro fóssil vivo é o tuatara, um animal parecido a um lagarto encontrado apenas em algumas ilhas ao largo da costa da Nova Zelândia. De acordo com a Enciclopédia Britânica, esta criatura estranha “tem dois pares de membros bem desenvolvidos e uma crista escamosa abaixo do pescoço e nas costas. Ao contrário dos lagartos, tem uma terceira pálpebra, a membrana nictitante, que fecha na horizontal, e um olho pineal, um órgão de função desconhecida entre os dois olhos normais. O tuatara também tem um arco ósseo, ao lado do crânio, no qual se insere solidamente o osso quadrado que se articula com o maxilar inferior, que é formado pela presença de duas grandes aberturas . . . na região da têmpora”.

“É esse arco ósseo, que não é encontrado em lagartos, que tem sido citado como prova de que as tuataras são sobreviventes da extinta ordem *Rhynchocephalia* e não são lagartos”.

“E, de fato, os tuataras diferem pouco da forma intimamente relacionada de *Homoosaurus*, que viveram 150 milhões de anos atrás, durante o Período Jurássico” (Texto da Internet, “Tuatara”).

A Enciclopédia Britânica acrescenta que o tuatara é “um réptil que tem mostrado pouca evolução morfológica por quase 200 milhões de anos desde o início do Mesozoico” (“Evolução”).

Outro exemplo é um molusco marinho conhecido pelo nome científico *Monoplacophora*.

“Em 1952 vários monoplacophoras vivos foram dragados de uma profundidade de 3.570 metros (cerca de 11.700 pés) na costa da Costa Rica. Até então, pensava-se que eles estavam extintos há

400 mil anos” (Enciclopédia Britânica, “Monoplacophora”).

De modo nenhuma estes são os únicos exemplos de fósseis vivos. Estes são apenas exemplos de animais e plantas que, baseado onde foram encontrados no registro fóssil, os cientistas presumiam que eles tinham morrido há milhões de anos.

Outras criaturas, como o nautilus, os braquiópodes, o caranguejo-ferradura e até mesmo a barata, estão praticamente inalterados nos fósseis que os paleontólogos dataram como sendo de centenas de milhões de anos atrás.

Apesar das esperanças fantasiosas dos evolucionistas, o registro fóssil não está e nem poderia estar de acordo com o darwinismo.

O Registro Fóssil: Expectativa versus Fato

Depois de anos de estudo e pesquisa, o que mostra registro fóssil?

A teoria evolucionista tradicional prevê um registro fóssil que contenha:	O relato bíblico da criação prevê um registro fóssil que contenha:	Depois de anos de estudo e pesquisa, o que mostra registro fóssil?
Formas de vida simples, surgindo aos poucos com antecessores semelhantes.	Formas de vida complexas, surgindo de uma vez e sem antecessores evolucionários.	Formas de vida complexas, surgindo de uma vez e sem antecessores evolucionários.
Formas de vida simples, mudando gradualmente ao longo do tempo para formas mais complexas.	Formas de vida complexas se multiplicando “segundo a sua espécie” (Gênesis 1:21; 6:20), mas com variedade limitada dentro de cada espécie.	Formas de vida complexas se multiplicando “segundo a sua espécie”, mas com variedade limitada dentro de cada espécie.
Inúmeras ligações de transição entre os tipos de criaturas.	Não existem elos de transição entre as diferentes espécies de criaturas.	Não existem elos de transição entre as diferentes espécies de criaturas.
Começo de características iniciais ou parcialmente concluídas, tais como novos membros, ossos e órgãos.	Nenhuma característica parcial, como novos membros, ossos e órgãos.	Nenhuma característica parcial, como novos membros, ossos e órgãos.

O Caso Contra a Evolução

Literatura suplementar recomendada

Muitos livros excelentes detalham as descobertas e as conclusões científicas que demonstram convincentemente a impossibilidade da evolução explicar a variedade de vida na Terra. Também é útil lembrar que a evolução não pode dar uma explicação para a origem do nosso magnífico universo; a evolução procura explicar apenas como a vida se propagou em um universo que já existia.

Se você gostaria de aprofundar mais no caso contra a evolução, recomendamos os seguintes livros, onde muitos foram escritos por pessoas com formação científica:

- *A Caixa Preta de Darwin: O Desafio da Bioquímica à Teoria da Evolução*, Michael Behe, PhD, professor associado de bioquímica da Universidade de Lehigh, Pensilvânia, 1996. Ele demonstra que os diminutos blocos de construção da vida—células e sua miríade de componentes—são muitíssimos complexos, com suas partes e processos interdependentes, para ter evoluído sem um desenho inteligente à parte.
- *O Deus de Dawkins: Genes, Memes e o Sentido da Vida*, Alister McGrath, professor de teologia histórica, Universidade de Oxford, 2005. O professor McGrath, um ex-ateu que tem um doutorado em biofísica molecular, confronta as hipóteses populares do defensor da evolução Richard Dawkins e a visão de mundo ateu promovida por ele.
- *O Crepúsculo do Ateísmo: A Ascensão e a Queda do Ateísmo no Mundo Moderno* [*The Twilight of Atheism: The Rise and Fall of Disbelief in the Modern World*], Alister McGrath, 2004. O professor McGrath traça a história e a ascensão do ateísmo moderno, alimentado em grande parte pela teoria da evolução de Darwin e como ela tem influenciado o mundo.
- *O Que Darwin Não Sabia*, Geoffrey Simmons, Mestrado, 2004. Dr. Simmons dissecar a teoria da evolução a partir da perspectiva de um médico, dando razões por que a evolução não pode explicar muitos aspectos do corpo humano. Como ele observa na introdução, se *A Origem das Espécies* de Darwin fosse submetida a uma editora científica hoje, ela provavelmente seria rejeitada por causa do entendimento do autor ser lamentavelmente deficiente em bioquímica celular, fisiologia, genética e outros ramos da ciência que lidam com o corpo humano.
- *Dissensão Incomum: Intelectuais Que Não Achem o Darwi-*

nismo Convincente [*Uncommon Dissent: Intellectuals Who Find Darwinism Unconvincing*], editado por William Dembski, 2004. Dembski, doutor em matemática e filosofia, reúne ensaios de intelectuais de vários campos que não só explicam as fraquezas científicas do darwinismo como afirmam que a melhor prova científica, na verdade, argumenta contra a evolução darwiniana.

- *Mera Criação: Ciência, Fé e Projeto Inteligente*, editado por William Dembski, 1998. Uma coleção de escritos acadêmicos das áreas de física, astrofísica, biologia, antropologia, engenharia mecânica e matemática que desafia o darwinismo e oferece provas do desenho inteligente do universo.

- *Evolução: Uma Teoria em Crise*, Michael Denton, Mestrado e doutorado, pesquisador sênior da Universidade de Otago, Nova Zelândia, 1996. O biólogo molecular, Denton examina as características do mundo natural que a mutação e a seleção natural não podem explicar e mostra a impossibilidade de existir as formas de transição necessárias para a evolução darwiniana.

- *Criação e Evolução: Repensando a Prova da Ciência e da Bíblia* [*Creation and Evolution: Rethinking the Evidence From Science and the Bible*], Alan Hayward, PhD, 1985. Escrito por um físico britânico, um livro perspicaz sobre os prós e contras da controvérsia entre a evolução e a ciência.

- *O Pescoço da Girafa: Onde Darwin Errou*, Hitching Francis, 1982. Salieta muitos dos problemas da visão tradicional da evolução.

- *Darwin no Banco dos Réus*, Phillip Johnson, professor de direito da Universidade da Califórnia, Berkeley, 1993. Mostra que o peso das evidências científicas argumenta contra a teoria da evolução.

- *A Razão Em Análise: O Caso Contra o Naturalismo na Ciência, no Direito e na Educação* [*Reason in the Balance: The Case Against Naturalism in Science, Law & Education*], Phillip Johnson, 1995. Discute as implicações culturais da crença na evolução, isto é, que a filosofia por trás da evolução darwiniana tornou-se de fato a religião dominante estabelecida em muitas sociedades.

- *Como Derrotar o Evolucionismo Com Mentes Abertas* [*Defeating Darwinism by Opening Minds*], Phillip Johnson, 1997. Escrito especificamente para estudantes experimentados, pais e professores para prepará-los para o viés da antirreligião inerente à educação mais avançada.

- *Objecções Mantidas: Ensaios Revolucionários Sobre Evolução, Lei e Cultura* [*Objections Sustained: Subversive Essays on*

Evolution, Law & Culture], Phillip Johnson, 1998. Compilação de ensaios que vão desde a evolução e a cultura à lei e à religião.

- *Ossos de Contendas: Uma Avaliação Criacionista dos Fósseis Humanos* [*Bones of Contention: A Creationist Assessment of the Human Fossils*], Marvin Lubenow, 1992. Documenta os sérios problemas das supostas ligações entre o homem e os macacos.

- *Abalando os Mitos do Darwinismo*, Richard Milton, de 1997. Milton, um jornalista de ciência não criacionista, revela o raciocínio circular que os darwinistas usam em seus argumentos quando discutem os dados amplamente reconhecidos nos círculos científicos.

- *Tornado em um Ferro-Velho: O Incansável Mito do Darwinismo* [*Tornado in a Junkyard: The Relentless Myth of Darwinism*], James Perloff, 1999. Um autoproclamado ex-ateu oferece uma leitura fácil sobre o ponto de vista da prova que contradiz o darwinismo, incluindo muitas citações evolucionistas e criacionistas. (O título foi tirado da avaliação de um astrônomo britânico de que a probabilidade de formas de vidas complexas surgirem por meio da mutação aleatória é comparável a dizer que se um tornado varresse um ferro-velho poderia construir um avião Boeing 747).

- *Não por Mero Acaso: Abalando a Moderna Teoria da Evolução* [*Not by Chance: Shattering the Modern Theory of Evolution*], Lee Spetner, PhD, Instituto de Tecnologia de Massachusetts, 1998. Demonstra que uma das premissas fundamentais do neodarwinismo—que a mutação aleatória criou os tipos de variações que permitiram o surgimento da macroevolução—é totalmente falha e nunca poderia ter acontecido como afirmam os darwinistas.

- *Ícones da Evolução: Ciência ou Mito?* Jonathan Wells, PhD da Universidade de Yale e da Universidade da Califórnia, Berkeley, 2000. Um biólogo pós-doutorado documenta que os exemplos mais utilizados pelos darwinistas para apoiar a evolução são fraudulentos ou enganosos.

- *O Guia Politicamente Incorreto do Darwinismo e do Desenho Inteligente* [*The Politically Incorrect Guide to Darwinism and Intelligent Design*], Jonathan Wells, PhD, 2006. Dr. Wells mostra que a melhor evidência científica está longe de apoiar o darwinismo, mas realmente apoia o desenho inteligente.

Embora os editores deste livro não concordem com todas as conclusões apresentadas nesses livros citados, pensamos que eles apresentam um caso persuasivo e convincente de que a teoria da evolução é fundamentalmente e fatalmente falha.

A Evolução Pode Explicar a Complexidade da Vida?

Uma premissa fundamental da evolução darwiniana é a crença na seleção natural que guiou a mutação das espécies. Agora, depois de décadas de estudo detalhado da genética, do DNA e das células, o que nos revela a evidência científica?

O que aprendemos desde que tratado de Charles Darwin sobre evolução, *A Origem das Espécies*, foi publicado pela primeira vez em 1859? A ciência avançou muito desde aqueles tempos de charretes puxadas por cavalos. Além de uma completa exploração do registro fóssil, uma grande quantidade de outras informações está prontamente disponível.

Como vimos, ao considerar o registro fóssil, a controvérsia sobre a evolução está aumentando. Thomas Woodward relata a última rodada de debate do desenho inteligente versus evolução: “Era dolorosamente real e quando a efervescente controvérsia explodiu em agosto de 2005, provocada por um comentário improvisado na Casa Branca—milhões de norte-americanos menearam a cabeça descontentes, seja por descrença ou por raiva, como foi discutido em manchetes e nas redes de telejornais”.

“Um suposto grupo de agitadores foi responsabilizado pela crescente crise, a maioria com título de doutorado. Este grupo disperso nos últimos anos tinha crescido em uma rede de várias centenas de cientistas e outros estudiosos . . . No caso de você não ter adivinhado, o grupo tinha um nome: *o Movimento do Desenho Inteligente*” (*Darwin Contra-Ataca*, págs. 19-20). A polêmica se espalhou rapidamente para além dos Estados Unidos e alcançou grande parte do mundo.

Qual o motivo da confusão e da discórdia? Basta ponderar, como visto no registro fóssil, que a crescente evidência científica não se encaixa no modelo de Darwin—e os evolucionistas estão cada vez mais na defensiva.

Por que isso aconteceu? Principalmente porque as supostas provas primárias da teoria da evolução não se sustentaram diante de mais descobertas e análises.

E quanto à seleção natural?

Após o registro fóssil, o segundo pilar de apoio à evolução entregue pelos darwinistas é a seleção natural, que eles esperavam que os biólogos a confirmasse. “Assim como criadores que selecionam aqueles animais mais adequados às suas necessidades para serem os pais da próxima geração”, explicou o filósofo britânico Tom Bethell, “Darwin argumentou, que a natureza selecionou aqueles organismos que melhor se equiparam para enfrentar a luta pela sobrevivência. Dessa forma a evolução inevi-

tavelmente ocorreria. E assim, escreveu Darwin, aí estava uma espécie de máquina trabalhando decididamente para melhorar na natureza, ‘examinando a cada momento, silenciosa e insensivelmente o trabalho . . . de aperfeiçoamento de cada ser orgânico’.

“Desta forma, Darwin pensava, um tipo de organismo poderia ser transformada em outro—por exemplo, ele sugeriu que ursos poderiam virar baleias. Então foi assim que chegamos a ter cavalos, tigres e outros—por meio de seleção natural” (“O Erro de Darwin”, *A Arte de Prosa*, Robert Woodward e Wendell Smith, editores, 1977, pág. 309).

Darwin viu a seleção natural como o principal fator por trás da mutação evolucionária. Mas como tem se saído este segundo pilar da teoria evolutiva desde a época de Darwin? Na verdade, essa teoria foi descartada discretamente por um grande número de teóricos da comunidade científica.

A ideia de Darwin de que a sobrevivência do mais apto poderia explicar como as espécies evoluíram tem sido relegada a uma afirmação redundante e autoevidente. Conrad Waddington geneticista da Universidade de Edimburgo define o problema fundamental de defender a seleção natural como prova do darwinismo: “A seleção natural . . . acaba sendo uma análise mais próxima da tautologia, uma afirmação de uma relação inevitável embora não reconhecida anteriormente. Ele afirma que os indivíduos em melhores condições físicas numa população . . . vão ter mais descendentes” (pág. 310).

Em outras palavras, a resposta à pergunta: ‘Quais estão em melhor forma?’ É óbvio que são os que sobrevivem. E ‘quais são os que sobrevivem?’ Naturalmente são os que estão em melhor forma. O problema é que o raciocínio circular não aponta para qualquer critério independente que possa avaliar se a teoria é verdadeira.

A seleção não transforma as espécies

Darwin citou um exemplo da forma como a seleção natural deveria funcionar: Um lobo que tinha herdado a capacidade especial de correr mais rápido estava mais bem preparado para sobreviver. Sua vantagem em ultrapassar os outros na corrida, quando a comida estava escassa, significava que ele poderia se alimentar melhor e, assim, sobreviver mais tempo.

No entanto, as mudanças que permitiram o lobo a correr mais rápido poderia facilmente tornar-se um obstáculo se outras transformações do corpo não acompanhassem o aumento da velocidade. Por exemplo, o esforço adicional necessário para correr mais rápido, naturalmente levaria a um aumento de tensão ao coração do animal, e, eventualmente, ele poderia morrer de um ataque cardíaco. A sobrevivência do mais apto exigiria que quaisquer alterações, biológicas ou anatômicas, estivesse em harmonia e sincronia com outras modificações corporais, ou as mudanças não trariam nenhum benefício.

A seleção natural, segundo os cientistas, na realidade trata apenas do número de uma espécie e não da *mudança* de uma espécie a outra. Isto

tem a ver com a *sobrevivência* e não o *surgimento* de espécies. A seleção natural só preserva a informação genética existente (DNA); ela não cria material genético que permitiria descendentes de um animal gerar um novo órgão, membro ou outra característica anatômica.

Na “seleção natural”, disse o professor Waddington, ocorre de “alguns seres terem mais descendentes do que outros. Então você se pergunta: Quais têm mais descendentes do que outros? São aqueles que têm mais descendentes e nada mais do que isso. As entranhas de toda a evolução—que é, como é que chegamos a ter cavalos, tigres e outros seres—não tem nada a ver com a teoria matemática [do neodarwinismo]” (*Simpósio Wistar*, Moorehead e Kaplan, 1967, pág. 14).

Tom Bethell chega ao ponto crucial do problema da seleção natural como base da evolução: “Isto não tem nenhum valor. Como T.H. Morgan [ganador do Prêmio Nobel de Medicina de 1933 por suas experiências com a mosca da fruta *Drosophila*] tinha comentado, com grande clareza: ‘A seleção, então, não produziu nada de novo, mas só um pouco mais de certos tipos de indivíduos. A evolução, no entanto, *significa gerar coisas novas e não mais das que já existem*’” (Bethell, págs.311-312, ênfase adicionada).

Bethell conclui: “A teoria de Darwin, creio eu, está à beira do colapso. Em seu famoso livro, [*A Origem das Espécies*], Darwin cometeu um erro suficientemente grave para minar sua teoria. E esse erro só recentemente foi reconhecido . . . Eu não fiquei surpreso ao ler . . . que em algumas das mais recentes ‘teorias evolucionistas seleção natural não desempenha nenhum papel’. Darwin, eu acredito, está em processo de ser descartado, mas talvez em respeito e consideração a esse respeitável cavalheiro . . . isso está sendo feito de maneira mais discreta e delicada possível, com um mínimo de publicidade” (págs. 308, 313-314).

Infelizmente, o exame crítico da seleção natural foi feito tão discretamente que a maioria das pessoas não tem consciência disso—de modo que continua a decepção generalizada que começou um século e meio atrás.

No entanto cada vez mais cientistas estão se fazendo ouvir. Escrevendo 26 de junho de 2007, no *New York Times*, Douglas Erwin, cientista sênior do Museu Nacional de História Natural do Instituto Smithsonian, ousou admitir a atual confusão do papel da seleção natural na evolução:

“Darwin precisa de uma atualização? Estão aumentando os pedidos entre alguns biólogos evolucionistas para que se faça tal revisão, embora eles divirjam sobre a maneira como isso deve ser feito . . . Nos últimos anos, cada elemento deste paradigma [evolutivo] tem sido atacado. As preocupações sobre as fontes da inovação evolutiva e as descobertas sobre como o DNA se desenvolve levaram alguns a propor que as mutações, não a seleção, guiam muito a evolução, ou pelo menos os principais episódios de inovação, como a origem de grandes grupos de animais, inclusive os vertebrados” (“Darwin Ainda Dita as Regras, Mas Alguns Biólogos Sonham Com Uma Mudança no Paradigma”).

Uma olhada à mutação aleatória

Se a seleção natural não é a resposta, o que dizer sobre o terceiro pilar de apoio à evolução, a mutação aleatória?

Curiosamente, o próprio Darwin foi um dos primeiros a desconsiderar os efeitos positivos das mutações raras, ele notou bastante isso nas espécies. Ele nem mesmo incluí-as em sua teoria. “Ele não as considerava importantes”, diz Maurice Caullery em seu livro *Genética e Hereditariedade*, “porque *quase sempre representavam uma desvantagem* óbvia do ponto de vista da luta pela existência, consequentemente seria mais provável ser eliminado mais rapidamente no estado selvagem pela ação da seleção natural” (1964, pág. 10, grifo nosso).

No tempo de Darwin os princípios da genética não eram entendidos claramente. Gregor Mendel publicou suas descobertas de princípios genéticos em 1866, mas seu trabalho foi ignorado na época. Mais tarde, no início do século XX, Hugo De Vries redescobriu estes princípios, que os evolucionistas rapidamente abraçaram para apoiar a evolução. Sir Julian Huxley, um dos principais porta-vozes da teoria da evolução no século XX, comentou sobre a imprevisibilidade das mutações: “A mutação . . . fornece a matéria-prima da evolução, é um assunto aleatório e acontece em todas as direções” (*A Evolução em Ação*, 1953, pág. 38).

Assim, “logo após a virada do século [XIX a XX], a teoria de Darwin, de repente parecia plausível de novo”, escreve Hitching Francis. “Verificou-se que de vez em quando, absolutamente ao acaso (cerca de uma vez em dez milhões de vezes durante a divisão celular, como sabemos agora) os genes cometem um erro de cópia. Estes erros são conhecidos como mutações e são principalmente prejudiciais. Eles levam a uma *planta enfraquecida ou a uma criatura doente ou deformada*. Eles não persistem dentro das espécies, porque são eliminados pela seleção natural . . .”.

“No entanto, os seguidores de Darwin passaram a acreditar que a mutação ocasional é benéfica, embora raramente aconteça, mas é o que importa na evolução. Dizem que estas mutações favoráveis, juntamente com a mistura sexual, são suficientes para explicar como toda a variedade desconcertante de vida na Terra hoje foi originada a partir de uma fonte genética comum” (*O Pescoço da Girafa*, pág. 49, grifo nosso).

Mutações: deficiência e não benefício

O que descobriu quase um século de pesquisas? Que as mutações são *erros patológicos* e as alterações são inúteis ao código genético.

C.P. Martin, da Universidade McGill, em Montreal, escreveu: “A mutação é um processo patológico que tem pouco ou nada teve a ver com a evolução” (“Um Não Geneticista Observa a Evolução”, revista *American Scientist*, janeiro de 1953, pág. 100). As investigações do professor Martin revelaram que as mutações são esmagadoramente negativas, e nunca criativas. Ele observou que uma mutação aparentemente benéfica era provavelmente só uma correção de um deletério anterior, semelhante a dar uma

pancada no ombro deslocado de uma pessoa e, acidentalmente, colocá-lo de volta no lugar.

O escritor de ciências, Richard Milton, explica o problema: “Os resultados de tais erros de cópia são tragicamente familiares. Em células do corpo, a replicação defeituosa apresenta-se como um câncer. O poder da luz solar mutagênica [mutação indutora] causa câncer de pele; o poder mutagênico do cigarro causa câncer de pulmão. Em células sexuais, a reprodução defeituosa do cromossomo de número 21 resulta em uma criança com síndrome de Down” (*Abalando os Mitos do Darwinismo*, pág. 156). No entanto, os evolucionistas querem nos fazer acreditar que tais erros genéticos não são nada prejudiciais à criatura atingida, mas que são úteis em longo prazo.

O professor Phillip Johnson observa o seguinte: “Supor que um evento aleatório poderia reconstruir mesmo um único e complexo órgão como um fígado ou rim é tão razoável quanto supor que depois de jogar contra a parede um velho relógio ele surgirá como um relógio de melhor qualidade” (*Darwin em Julgamento*, pág. 37).

Nós devemos agradecer porque as mutações são extremamente raras. Uma média de um erro a cada dez milhões de cópias corretas ocorre no código genético. Qualquer pessoa que consiga digitar dez milhões de letras e errar apenas uma poderia facilmente ser considerada a melhor digitadora do mundo e, provavelmente, não seria humano. No entanto, esta é a precisão espantosa do nosso código genético, supostamente cego, quando se replica.

Se, no entanto, estes erros de cópia fossem acumulados, uma espécie, em vez de melhorar, eventualmente ela se degeneraria e pereceria. Mas os geneticistas descobriram um sistema de autocorreção.

“O código genético de cada ser vivo tem sua própria base de limitações”, diz Hitching. “Parece ter sido projetado para impedir uma planta ou criatura de ir muito além da média . . . Cada série de experiência reprodutora já realizada estabeleceu um limite finito para as possibilidades de reprodução. Os genes são uma força influenciada a se conservar e a permitir apenas uma modesta mudança. Por si só, as espécies criadas artificialmente geralmente morrem (porque são estéreis ou menos robustas) ou se reverterem rapidamente à sua espécie original” (págs. 54-55).

Escrevendo sobre zoólogo Pierre-Paul Grassé, Alan Hayward diz: “Em 1973, ele publicou um livro importante sobre a evolução . . . Antes de tudo, o livro tem como objetivo expor o darwinismo como uma teoria que não funciona, porque ela entra em contradição com muitos resultados experimentais.

“Como Grassé diz em sua introdução: ‘Hoje, o nosso dever é acabar com o mito da evolução . . . Algumas pessoas, devido ao seu sectarismo, ignoram propositadamente a realidade e se recusam a reconhecer os desajustamentos e a falsidade de suas crenças’ . . .

“Basta ver primeiramente a mutação. Grassé tem estudado isto extensivamente, tanto em seu laboratório como na natureza. Em todos os tipos de seres vivos, desde bactérias às plantas e animais, ele observou que as

mutações não levam a subseqüentes gerações além do seu ponto de partida. Em vez disso, as mutações são como o voo de uma borboleta numa estufa, que pode viajar por quilômetros sem se mover mais que alguns metros de seu ponto de partida. Há fronteiras invisíveis, mas firmemente fixadas que as mutações nunca poderão atravessar . . . Ele insiste que as mutações são apenas mudanças triviais, apenas o resultado de genes ligeiramente modificados, enquanto a ‘evolução criativa’ . . . exige a criação de genes novos” (*Criação e Evolução*, pág. 25).

É constrangedor para os evolucionistas que a mutação também não seja a resposta. Se há alguma conclusão, é que nesse sistema de autocorreção, que elimina as mutações, demonstra-se que uma grande inteligência estava atuando quando o sistema geral de genética foi concebido de modo que as mutações aleatórias não viessem a destruir os genes benéficos. Ironicamente, a mutação mostra o oposto do que o evolucionismo ensina: Na vida real, a mutação aleatória é vilã e não heroína.

Isso nos leva a um último ponto nas mutações: a incapacidade da evolução para explicar o surgimento da vida simples e dos órgãos complexos.

A maravilha da célula

As células são seres vivos maravilhosos e incrivelmente complicados. Eles são autosuficientes e funcionam como minifábricas químicas. Quanto mais perto olhamos as células, mais percebemos sua incrível complexidade.

Por exemplo, a membrana da célula é uma maravilha por si mesma. Se fosse muito porosa, as soluções prejudiciais entrariam e levariam a célula a se romper. Por outro lado, se a membrana fosse muito impermeável, o alimento não poderia entrar e os resíduos resultantes não podiam sair e a célula morreria rapidamente.

Dr. Michael Behe, professor de ciências biológicas da Universidade de Lehigh, resume uma das falhas fundamentais da evolução para explicar qualquer forma de vida: “A teoria de Darwin encontra grandes dificuldades quando trata de explicar o desenvolvimento da célula. Muitos sistemas celulares são chamados ‘irredutivelmente complexos’. Isso significa que o sistema precisa de diversos componentes antes que possa funcionar corretamente.

“Um exemplo comum dessa complexidade irredutível é uma ratoeira, construída com diversas peças (base, martelo, mola e assim por diante). Tal sistema, provavelmente, não pode ser reunido de uma maneira darwiniana, melhorando gradualmente a sua função. Você não pode pegar um rato apenas com uma base e, em seguida, pegar mais alguns ao se acrescentar a mola. Todas as peças devem estar no lugar antes de pegar qualquer rato.”

O ponto de vista do professor Behe é que uma célula que falte um décimo de suas partes não funciona sem essa parte, como uma célula completa, pois simplesmente não funciona. Ele conclui: “A questão principal é que a célula—base da vida—é incrivelmente complexa. Mas a ciência não tem as respostas, ou parte das respostas, de como esses sistemas se originaram?

Não!” (“Darwin Sob o Microscópio”, *New York Times*, 29 de outubro de 1996, pág. A25).

A admirável miniatura tecnológica

Michael Denton, biólogo molecular e pesquisador sênior da Universidade de Otago, na Nova Zelândia, contrasta como a célula era vista na época de Darwin e como os cientistas a veem hoje. No tempo de Darwin a célula podia ser vista, na melhor das hipóteses, com uma ampliação de várias centenas de vezes. Ao utilizar a melhor tecnologia de sua época, os cientistas viam a célula como “um espetáculo relativamente decepcionante, aparecendo apenas como um padrão em constante mudança e, aparentemente bolhas e partículas desordenadas que, sob a turbulenta influência de forças invisíveis, [eram] continuamente atiradas a esmo em todas as direções” (*A Evolução: Uma Teoria em Crise*, pág. 328.).

Os anos que se seguiram trouxeram surpreendentes avanços tecnológicos. Agora os pesquisadores podem explorar as mínimas partes das células. Será que eles ainda veem apenas manchas disformes, ou testemunham algo muito mais surpreendente?

“Para entender a realidade da vida, como revelada pela biologia molecular”, escreve o Dr. Denton, “temos que ampliar bilhões de vezes uma célula até que esteja com vinte quilômetros de diâmetro e se pareça com um dirigível gigante, imensa o suficiente para cobrir uma grande cidade como Lisboa ou São Paulo. Então, o que se vê é um objeto de complexidade sem precedentes e desenho adaptativo.

“Na superfície da célula podemos ver milhões de aberturas, como as portinholas de um imenso transatlântico, que abrem e fecham para permitir um fluxo contínuo de materiais para dentro e para fora. Se fosse possível entrar em uma dessas aberturas nos encontraríamos em um mundo de suprema tecnologia e desconcertante complexidade. Veríamos intermináveis corredores muito bem organizados e dutos de ramificação em cada direção do perímetro da célula, alguns levando ao banco de memória central do núcleo e outros para as plantas de montagem e unidades de processamento.

“O núcleo em si seria uma vasta câmara esférica de mais de um quilômetro de diâmetro, semelhante a uma cúpula geodésica dentro da qual se poderia ver tudo bem empilhado em conjuntos ordenados, quilômetros de cadeias enroladas das moléculas de DNA . . .

“Ficariamos surpresos ao ver o nível de controle implícito no movimento de tantos objetos abaixo de condutores aparentemente intermináveis, tudo em perfeita harmonia. E poderíamos ver tudo em torno de nós, em todas as direções que olhássemos, todos os tipos de máquinas como robôs. Observariamos que o mais simples desses componentes funcionais da célula, as moléculas de proteína, eram surpreendentemente peças complexas de maquinaria molecular, cada uma delas constituída de cerca de três mil átomos plenamente dispostos numa organização e acomodação espacial em 3D.

“E ficaríamos ainda mais surpresos à medida que víssemos as estranhas atividades propositas dessas curiosas máquinas moleculares, especialmente quando percebêssemos que, apesar de todo o nosso conhecimento acumulado em física e química, a tarefa de projetar tal máquina molecular—isto é, uma única molécula funcional de proteína—estaria além de nossa capacidade . . . Contudo, a vida da célula depende de atividades integradas de milhares, certamente de dezenas de milhares, e provavelmente centenas de milhares de moléculas de proteína diferentes” (págs. 328-329).

Esta é a descrição de *uma* célula por um biólogo molecular. O corpo humano contém cerca de *dez trilhões* (10.000.000.000.000) de tipos de células cerebrais, do sistema nervoso, do sistema muscular e outros tipos de células.

Tudo isso aconteceu por acaso?

No entanto, por mais complexas que sejam as células, as menores coisas vivas são ainda muito mais complicadas. Sir James Gray, professor de zoologia da Universidade de Cambridge, afirma: “As bactérias [são] muito mais complexas do que qualquer sistema inanimado conhecido pelo homem. Não há um laboratório no mundo que possa competir com a atividade bioquímica do menor organismo vivo” (citado por Marshall e Sandra Hall, *A Verdade: Deus ou a Evolução?* 1974, pág. 89).

Quão complexos são os mais ínfimos seres vivos? Até mesmo o mais simples possui uma quantidade impressionante de informação genética para poder funcionar. Por exemplo, a bactéria *Escherichia coli* é um dos menores seres unicelulares da natureza. Os cientistas calculam que ela tenha cerca de dois mil genes, cada um com cerca de mil enzimas (catalisadores orgânicos, produtos químicos que aceleram outras reações químicas). Uma enzima é composta de um bilhão de nucleotídeos, cada um dos quais corresponde a uma letra do alfabeto químico, comparável a um byte, em linguagem de computador. Estas enzimas instruem ao organismo como funcionar e se reproduzir. A informação do DNA em apenas uma única e minúscula célula é “equivalente a aproximadamente cem milhões de páginas da *Enciclopédia Britânica*” (John Whitcomb, *A Terra Primitiva*, 1972, pág. 79).

Qual a chance de que as enzimas necessárias para produzir a mais simples criatura viva—com cada enzima que desempenha uma função química específica—pudesse se juntar por acaso? Os astrofísicos Fred Hoyle e Chandra Wickramasinghe calcularam essa chance seria uma em $10^{40.000}$ (ou seja, 10 elevados à potência de 40.000: abreviação matemática para 10 seguido de 40.000 zeros, um número suficientemente grande para encher cerca de uma dúzia de páginas desta publicação).

Veja que, para os matemáticos, uma probabilidade menor de que 1 em 10^{50} é considerada uma completa impossibilidade (Hayward, pág. 35-37). Em comparação, Sir Arthur Eddington, outro matemático, estima que existem mais de 10^{80} átomos no universo! (Hitching, pág. 70).

Enquanto os evolucionistas mantêm suas concepções como vagas abs-

trações, elas parecem ser plausíveis. Mas quando se aplica o rigor da matemática em suas generalidades, e suas afirmações são especificamente quantificadas, os fundamentos da evolução darwinista são expostos como tão implausíveis e irrealistas a ponto de se reconhecer que é impossível.

A reveladora reação dos cientistas

O professor Behe comenta sobre a curiosa reação acadêmica e científica sobre as descobertas da complexidade da célula: “Ao longo das últimas quatro décadas a bioquímica moderna tem desvendado os segredos da célula. O progresso tem sido conquistado arduamente. Isso exigiu dezenas de milhares de pessoas dedicando muito tempo de suas vidas ao tedioso trabalho de laboratório . . .

“Os resultados desses esforços cumulativos para investigar a célula e a vida em nível molecular—é um grande, claro e estridente grito do ‘*desenho!*’ O resultado é tão inequívoco e tão significativo que deve ser classificado como uma das maiores conquistas da história da ciência. A descoberta rivaliza com as de Newton e Einstein, Lavoisier e Schrödinger, Pasteur, e Darwin. A observação do *desenho inteligente da vida* é tão importante quanto à observação de que a Terra gira em torno do Sol, ou que a doença é causada por uma bactéria ou que a radiação é emitida em quântico.

“A magnitude dessa vitória, conquistada a tão grande custo por meio de um esforço sustentado ao longo de décadas, seria de se esperar que rolhas de champanhe estivessem voando pelos laboratórios ao redor do mundo. Este triunfo da ciência merece o grito de ‘Eureca!’, ecoando bem alto da boca de milhares de cientistas e podendo até mesmo servir de argumento para se declarar um feriado.

“Mas não houve estouro de champanhes em público e nem apertos de mão. Em vez disso, um curioso e embaraçoso silêncio envolveu a enorme complexidade da célula. Quando o assunto vem à tona em público, os joelhos começam a tremer e a respiração fica um pouco difícil. Em privado os cientistas ficaram um pouco mais relaxados, e muitos admitiram explicitamente o óbvio, mas em seguida, olham cabisbaixo, meneiam a cabeça e deixam as coisas como estão.

“Por que a comunidade científica não abraça euforicamente sua surpreendente descoberta? Por que a observação do desenho é tratada com luvas de intelectualismo? O dilema é que, enquanto um lado do elefante é rotulado como desenho inteligente o outro lado pode ser identificado como Deus” (págs. 232-233, ênfase adicionada).

Estas descobertas revelam que a célula viva mais simples é tão intrincada e complexa em sua concepção que até mesmo a possibilidade de vir a existir acidentalmente é impensável. É claro que os evolucionistas não têm uma resposta racional para o modo como as primeiras células foram formadas. Este é apenas um de seus muitos problemas na tentativa de explicar uma criação maravilhosa, que eles argumentam ter surgido por acaso.

O Darwinismo Não é o Mesmo que Evolução

Uma palavra de precaução ao uso do termo evolução: ela pode significar coisas diferentes para diferentes pessoas.

Os dicionários primeiro definem *evolução* como um processo de transformação de um estado inferior para um estado mais elevado, e em segundo lugar, como a teoria defendida por Darwin. Mas seus significados não são iguais. A *Evolução significa literalmente apenas o surgimento sucessivo de vida perfeitamente formada sem levar em conta como ocorreu*. Esse significado não tem que se referir ao *darwinismo*, que é um preceito de que a *mudança gradual levou uma espécie a tornar-se em outra através do processo de seleção natural*.

Uma espécie geralmente é definida como algo vivo que pode se reproduzir apenas segundo a sua própria espécie. Assim, embora a maioria dos cientistas se refira ao darwinismo quando usa esse termo, as duas definições do termo não são sinônimos e devem ser cuidadosamente definidos pelo contexto.

“Por que”, pergunta o físico Alan Hayward, “os termos ‘darwinismo’ e ‘evolução’ são usados (incorretamente) com tanta frequência como se quisessem dizer a mesma coisa? Simplesmente porque foi Darwin quem pôs de pé a antiga ideia de evolução. Antes de Darwin, a evolução era considerada pela maioria das pessoas como uma noção selvagem e inconcebível. Depois de Darwin, a evolução passou a ser uma ideia razoável que as pessoas em geral logo tomaram como certa”.

“Muitas pessoas desde dias de Darwin têm tentado encontrar uma explicação alternativa para a evolução, mas nenhuma foi bem sucedida. Assim como quando ele a propôs, o darwinismo se apresenta com o único método concebível de evolução. Sendo assim parece que o darwinismo e a evolução devem permanecer ou cair juntos” (*Criação e Evolução*, 1985, pág. 5).

Esta é uma das razões que muitos darwinistas são tão inflexíveis sobre sua teoria. Eles sabem das implicações se ela cair: A explicação alternativa para a vida na Terra é um Deus Criador. O professor L.T. More tem admitido abertamente em seu livro *O Dogma da Evolução*: “Nossa fé na doutrina da evolução depende de nossa relutância em aceitar a antagônica doutrina da criação especial [por Deus]” (citado por Francis Hitching, *O Pescoço da Girafa*, 1982, pág. 109).

A Microevolução Não Prova a Macroevolução

A adaptação dentro de uma espécie é chamada de microevolução. A macroevolução é a mudança de uma espécie distinta para outra.

Os estudos que têm encontrado pequenas variações dentro de uma espécie ao longo do tempo, como no tamanho dos bicos de tentilhões ou a coloração de traças, às vezes são usados para tentar provar a evolução darwiniana. Mas geralmente esses estudos contêm falhas. E mesmo se fossem válidos, eles não fornecem nenhuma prova.

A adaptação dentro de uma espécie é chamada de *microevolução*. É o mesmo fenômeno que age quando a altura média dos homens e mulheres aumenta alguns centímetros, verificado no mundo ocidental ao longo da década de 1900. A melhora na saúde e na alimentação tem desempenhado um grande papel na geração de pessoas de maior porte. Da mesma forma, a microevolução atua quando criadores produzem certas variedades de animais que vão desde os chihuahuas a grandes cães dinamarqueses dentro da espécie *Canis familiaris*—o cão doméstico.

Estes exemplos mostram que, assim como no restante da natureza, todas as espécies possuem uma margem de variação disponível no seu acervo genético para se adaptarem às condições. Esta característica é encontrada no homem, que pode se adaptar ao tempo glacial, como fazem os esquimós, ou ao sol escaldante do deserto, como fazem os beduínos. Mas os beduínos e os esquimós ainda são seres humanos, e se mudarem de ambientes de novo, eventualmente, seus filhos também passariam por pequenas alterações para melhor se adaptar ao seu novo ambiente.

O que nunca foi cientificamente demonstrado—a despeito dos muitos exemplos ilusórios—é a *macroevolução*, ou a mudança de uma diferente espécie para outra. Os cães nunca evoluíram para pássaros ou para seres humanos.

Phillip Johnson vai ao âmago da questão: “Os críticos da teoria da evolução estão bem cientes do padrão de exemplos da microevolução, como a criação de cães e as variações cíclicas que têm sido vistas em coisas como bicos de tentilhões e populações de traças. A diferença é que interpretamos estas observações, como exemplos da capacidade dos cães e tentilhões de variar dentro de certos limites, e não como exemplos de um processo capaz de criar cães e tentilhões, e muito menos como exemplos dos principais grupos de plantas e animais . . .”.

“Como qualquer criacionista (e muitos evolucionistas) veria o assunto, tornar o caso da “evolução” como uma teoria geral da história da vida se exige muito mais do que apenas citar exemplos de pequenas variações. Isso exige que seja demonstrado como estruturas biológicas extremamente complexas podem ser geradas a partir de começos simples pelos processos naturais, sem a necessidade de intervenção ou orientação de um Criador sobrenatural” (*A Razão na Balança*, 1995, pág. 74).

Assim, alguns exemplos citados do trabalho da evolução realmente nada provam—muito menos como qualquer uma dessas criaturas—como traças, cachorros, passarinhos ou seres humanos vieram a existir.

A Coagulação do Sangue: Um Milagre Biológico

Um processo relativamente simples e necessário para a vida animal é a capacidade de coagulação do sangue para fechar uma ferida e evitar que um animal ferido (ou pessoa) sangre até a morte.

No entanto, a única maneira que este intrincado sistema funciona é quando interagem muitas substâncias químicas complexas. Se apenas um ingrediente estiver faltando ou não funcionar de modo correto—como na *hemofilia*, um distúrbio genético do sangue—o processo falha e a vítima sofre de hemorragia até a morte.

Como essas substâncias complexas podem surgir no momento certo, nas proporções certas e na mistura apropriada para coagular o sangue e evitar a morte? Ou funcionam perfeitamente ou a coagulação não funciona.

Ao mesmo tempo, a ciência médica sabe que há coagulação em momentos errados. Os coágulos de sangue que cortam o fluxo de oxigênio para o cérebro são uma das principais causas de derrames e, muitas vezes, resultam em paralisia ou morte. A coagulação do sangue deve funcionar perfeitamente ou o provável resultado é a morte.

Para que a evolução guiasse esse fenômeno surpreendente, as múltiplas e corretas mutações desse tipo certo teriam que convergir simultaneamente ou as mutações seriam inúteis. Os evolucionistas não podem oferecer nenhuma explicação realista de como isso é possível.

O Milagre do Olho

Charles Darwin descreveu o olho como um dos maiores desafios para a sua teoria. Como ele poderia explicar isso? O olho, afinal de contas, é simplesmente incompatível com a evolução. “Parece absurdo ou impossível, eu o reconheço”, admitiu ele, “supor que a seleção natural pudesse formar a visão com todas as inimitáveis disposições” (*A Origem das Espécies*, de 1859, Edição Obras-primas da Ciência, 1958, pág. 146).

Jesus disse que “a lâmpada do corpo são os olhos” (Mateus 6:22).

O olho humano possui 130 milhões de células nervosas sensíveis à luz, que convertem a luz em impulsos químicos. Estes sinais viajam a uma taxa de um bilhão por segundo para o cérebro.

O problema essencial para os darwinistas é como tantos componentes intrincados poderiam ter evoluído de forma independente para trabalhar perfeitamente em conjunto quando, se um único componente não funcionasse corretamente, nada funcionaria.

Pense sobre isso. As estruturas parciais de transição não ajudam na sobrevivência de uma criatura e podem até mesmo ser um obstáculo. E se fossem um obstáculo, nenhum desenvolvimento gradual poderia ocorrer porque a criatura, de acordo com os defensores da seleção natural, estaria menos apta a sobreviver do que as outras criaturas ao seu redor. Como poderia ser bom, só ter metade de uma asa ou um olho sem retina? Consequentemente, tanto as estruturas como as asas emplumadas devem ter aparecido de uma só vez, ou por absurdamente improváveis mutações maciças (“monstros esperançosos”, como os cientistas se referem a essas criaturas hipotéticas), ou pela criação.

“Agora é evidente”, diz Francis Hitching, “que se uma mínima coisa desse errado no percurso—se a córnea ficasse difusa, ou a pupila não se dilatasse, ou o cristalino se tornasse opaco, ou



Como poderia o olho, com as suas inúmeras estruturas complexas e interativas, ter evoluído através de um processo aleatório?

o foco estivesse errado—então uma imagem reconhecível não seria formada. O olho ou funciona como um todo ou não funciona de modo nenhum.

“Então, como ele chegou a evoluir, lenta, constante e infinitesimalmente em pequenos aperfeiçoamentos darwinistas? É realmente possível que milhares e milhares de mutações casuais tenham acontecido ao acaso, coincidentemente, de modo que o cristalino e a retina, que não funciona um sem o outro, chegasse a evoluir em sincronia? Qual a vantagem para a sobrevivência ter um olho que não enxerga?

“Não é de admirar que isso perturbasse Darwin. ‘Ainda hoje, o olho me faz tremer’, [Darwin] escreveu para seu amigo botânico Asa Gray, em fevereiro de 1860” (*O Pescoço da Girafa*, 1982, pág. 86).

Seria necessária uma fé quântica para pensar que tudo isso tenha evoluído. No entanto, isso que é comumente ensinado e aceito.

Nossos olhos também têm a capacidade de focar automaticamente distendendo-se ou comprimindo-se. Eles também estão inseridos sob uma sobancelha óssea que, junto com persianas automáticas em forma de pálpebras, fornecem proteção para estes órgãos complexos e delicados.

Darwin deveria ter considerado duas passagens na Bíblia. “O ouvido que ouve e o olho que vê, o SENHOR os fez a ambos”, escreveu o rei Salomão (Provérbios 20:12). Salmo 94:9 e pergunta: “Aquele que fez o ouvido, não ouvirá? E o que formou o olho, não verá?”

O mesmo pode ser dito do cérebro, do nariz, do palato e de dezenas de outros órgãos complexos e altamente desenvolvidos em qualquer ser humano ou animal. Seria necessária uma fé quântica para pensar que tudo isso tenha evoluído. No entanto, isso que é comumente ensinado e aceito.

Depois de analisar a improbabilidade de tais órgãos surgirem na natureza a partir de um processo evolutivo, o professor H.S. Lipson, membro do Instituto Britânico de Física, escreveu em 1980: “Temos de ir mais longe do que isso e admitir que a única explicação aceitável seja a criação. Eu sei que isso é um anátema para os físicos, como de fato é para mim, mas não devemos rejeitar uma teoria que não gostamos se a evidência experimental apoia-la” (*Boletim de Física*, vol. 30, pág. 140).

Consideremos o quanto o olho é incrível e que temos não um, mas dois deles. Este par corresponde, juntamente com um centro interpretativo no cérebro, nos permite determinar as distâncias dos objetos que vemos.

Curiosidades da Natureza que Desafiam a Evolução

Darwin escreveu que sua teoria cairia se pudesse ser mostrado que os animais apresentavam características complexas que não poderiam ter se desenvolvido através de muitas pequenas modificações graduais. Agora vemos características de seres que destroem essa teoria.

Quando Darwin propôs sua famosa teoria, por volta de 1859, ele estava ciente de que uma das fragilidades gritantes de suas especulações era a forma de explicar as características complexas em animais por meio das pequenas e graduais etapas evolutivas. Ele admitiu: “Se puder ser demonstrado que existe algum órgão complexo, que não poderia ter sido formado por numerosas, sucessivas e ligeiras modificações, minha teoria seria absolutamente inválida” (*A Origem das Espécies*, Obras-primas da Ciência Edição, pág. 149).

Cerca de 150 anos depois, a pesquisa tem demonstrado inúmeros exemplos na natureza em que órgãos complexos em animais não poderiam ter se desenvolvido por pequenas etapas sucessivas. A partir da ciência molecular em diante, muitos sistemas complexos tiveram que aparecer ao mesmo tempo, com todos os seus componentes intactos, ou não funcionariam, e não teriam nenhuma possibilidade de sobrevivência.

O professor Michael Behe explica: “Houve um tempo em que se esperava que a base da vida fosse extremamente simples. Essa expectativa foi destruída. A visão, o movimento e outras funções biológicas provaram que não são menos sofisticadas do que as câmeras de televisão e os automóveis. A ciência tem feito enormes progressos na compreensão de como a química da vida funciona, mas a graça e a complexidade dos sistemas biológicos a nível molecular paralisaram a tentativa da ciência de explicar suas origens” (*A Caixa Preta de Darwin*, 1998, pág. x).

Na verdade, em todos os níveis, a complexidade da vida e sua impressionante gama de funcionalidades desafiam a evolução.

A arma química do besouro bombardeiro

Um exemplo deste tipo de complexidade biológica é o sistema de defesa do besouro bombardeiro. Ele tem tantas peças essenciais e produtos químicos que, se estiver faltando alguma, o sistema todo não pode funcionar. Além disso, se algo desse errado, a mistura química mortal dentro do besouro poderia ser fatal em vez de ser favorável.

Ele é um besouro minúsculo, cerca de 2,5 centímetros de comprimento e parece ser com um petisco saboroso para muitos animais. Mas à medida

se aproximam do besouro para devorá-lo, repentinamente, os inimigos são borrifados com uma solução escaldante e nociva que rapidamente os obriga a fugirem. Como pode um modesto inseto produzir tão eficaz e complexo sistema de defesa?

Os elementos que formam a efetiva arma química do besouro têm sido analisados por químicos e biólogos a nível molecular. Quando o besouro pressente o perigo, expele dois produtos químicos, peróxido de hidrogênio e hidroquinona, para dois reservatórios dentro de seu corpo. Ao pressionar certos músculos, os produtos químicos se movem desses dois reservatórios para uma câmara de reação, chamada câmara de combustão.

Mas, tal como um canhão carregado não dispara sem algum tipo de dispositivo de ignição, igualmente, essas duas substâncias químicas não vão explodir sem o catalisador correto ser adicionado. Dentro do corpo do besouro, este catalisador é injetado na câmara de explosão. Como resultado, jatos de um líquido queimante e tóxico são disparados da traseira do besouro em direção ao rosto do predador que o ameaça. Todos os três elementos químicos e as câmaras têm de existir para que este poderoso sistema de defesa funcione.

Como um sistema tão complexo poderia evoluir por etapas graduais? Com a mistura de apenas dois produtos químicos nada acontece. Mas, quando o catalisador é adicionado em quantidade adequada e no momento certo, o besouro se encontra equipado com um surpreendente canhão químico. Todos estes componentes poderiam aparecer por um processo gradual, passo-a-passo?

Os comentários de Francis Hitching no sistema de defesa do besouro bombardeiro: “A cadeia de eventos que poderiam ter levado à evolução desse processo complexo, coordenado e sutil está além da explicação biológica de um procedimento simples passo-a-passo. A mínima alteração no equilíbrio químico teria resultado imediato nessa raça de besouros que se explodiria por causa dessa reação química. Os problemas de novidades evolutivas têm ampla aceitação entre os biólogos . . . Em todos os casos, as dificuldades se agravam pela falta de evidência fóssil. A primeira vez que a planta, a criatura ou o órgão aparece [entre os fósseis], sempre estão em seu estado final, por assim dizer” (*O pescoço da Girafa*, pág. 68).

No entanto, o evolucionista Richard Dawkins tenta refutar as características complexas do besouro bombardeiro, simplesmente dizendo: “Quanto aos precursores evolutivos do sistema, tanto o peróxido de hidrogênio como vários tipos de hidroquinona são usados para outros fins na química do corpo. Os ancestrais do besouro-bombardeiro simplesmente deram um uso diferente a substâncias que por acaso eles já tinham à disposição. Com frequência é assim que a evolução funciona” (*O Relojoeiro Cego*, 1986, pág. 87).

Esta não é uma explicação nada convincente para o Dr. Behe, que estudou os componentes deste besouro a nível molecular. “A explicação de Dawkins para a evolução do sistema”, diz ele, “repousa no fato de que os elementos

do sistema que ‘já tinham à disposição’ . . . Mas Dawkins não explicou como o peróxido de hidrogênio e a hidroquinona veio a ser secretados juntos numa concentração muito alta em um compartimento conectado . . . a um segundo compartimento que contém as enzimas necessárias para a reação rápida das substâncias químicas” (Behe, pág. 34).

Agora que todo o sistema de defesa do besouro foi cuidadosamente estudado, até mesmo se produtos químicos que “por acaso estavam à disposição”, sabe-se que este canhão químico tão complexo não funcionaria, sem que tudo, desde o nível molecular, estivesse atuando conjuntamente e exatamente no momento certo. O argumento de Dawkins é tão absurdo quanto dizer que, se a pólvora, um pavio, um tambor e uma bala de canhão “estivessem à disposição”, eventualmente, eles se juntariam, com todos os componentes cuidadosamente carregados nas quantidades e proporções corretas, e depois disparariam na direção certa sem explodirem em algum lugar diferente ao longo do caminho. Não mesmo! Todos os componentes tinham de ser cuidadosa e inteligentemente organizados de modo a funcionar.

O professor Behe observa: “Alguns biólogos evolucionistas—como Richard Dawkins—têm uma imaginação fértil. Dado um ponto de partida, eles quase sempre conseguem contar uma história para chegar a qualquer estrutura biológica que desejar . . . A ciência, contudo, não pode, enfim, ignorar os detalhes relevantes, e, a nível molecular, todos os “detalhes” são críticos. Se uma porca ou parafuso molecular está faltando, então todo o sistema pode falhar” (pág. 65).

As impressionantes migrações de aves

Consideremos outra grande complexidade biológica—como é que aves, como certas cegonhas, patos, gansos e tordos, ganharam a habilidade de navegar com precisão através de milhares de quilômetros de território e terra até então desconhecidos, indo para a zona exata e no momento certo do ano para se alimentar e reproduzir. Então, quando o inverno termina no hemisfério norte, eles voam milhares de quilômetros de volta e chegam com segurança a seu território anterior.

O experimento “homing” revelou que estes pássaros herdaram a capacidade de mapear sua localização utilizando as estrelas à noite e o sol ao dia. Eles inconscientemente processam dados astronômicos e medem a altitude, latitude e longitude para voar infalivelmente a um lugar calculado. Eles têm um relógio interno e um calendário para que saibam quando começar e quando terminar suas migrações. Talvez o mais surpreendente seja que eles são capazes de chegar a seu longínquo destino bem longe, até mesmo em sua primeira viagem—sem nenhuma experiência anterior!

Por exemplo, o papa-amoras-cinzento migra todos os anos da Alemanha para a África. Notavelmente, quando as aves adultas migram, eles deixam seus filhotes para trás. Várias semanas mais tarde, quando as aves jovens estão fortes o suficiente, elas instintivamente voam por milhares de quilô-

metros de terra e mar desconhecidos para chegar ao mesmo lugar onde seus pais estão esperando! Como podem estas aves inexperientes navegar com tal precisão através de milhares de quilômetros e chegar com segurança para se encontrarem com seus pais?

Da América do Norte a tarambola circunavega a maioria dos Hemisférios Norte e Sul em suas migrações. Depois do aninhamento no Canadá e Alasca, as tarambolas começam a sua viagem do extremo nordeste do Canadá e voam através do oceano para o Brasil e Argentina, uma viagem de mais de 2.400 quilômetros. Quando a estação chega ao fim elas viajam para o norte, tomando um caminho diferente através da América do Sul e Central, em seguida, percorrendo toda a bacia do Mississippi para chegar a seus ninhos. Elas fazem isso perfeitamente ano após ano.

Dr. Scott Huse comenta: “As causas das migrações e do senso incrível de direção mostrada por esses animais representa um dos mais intrigantes problemas da ciência para o evolucionista. Realmente, os evolucionistas estão sendo pressionados a explicar como essas notáveis habilidades evoluíram aos poucos e ao acaso através de processos simples sem qualquer inteligência dirigente. O desenvolvimento gradual de tal instinto parece altamente improvável porque os instintos migratórios são inúteis a menos que sejam perfeitos. Obviamente, não seria nenhuma vantagem ser capaz de navegar perfeitamente só até ao meio de um oceano” (*O Colapso da Evolução*, 1998, pág. 34).

O admirável ciclo do salmão

Algumas espécies de salmão apresentam migrações incrivelmente complexas. Por chocarem seus ovos em córregos, eles passam os primeiros anos de vida em lagos e rios de água doce. Depois de crescer muitos centímetros, eles nadam rio abaixo para o oceano, onde se adaptam a um ambiente químico completamente diferente—água salgada—e ali passam os próximos anos.

Nesses anos, eles muitas vezes migram por milhares de quilômetros para se alimentarem e crescerem. Eventualmente, no fim de suas vidas, eles deixam o ambiente do oceano e nadam rio acima e contra a corrente até chegar ao trecho onde nasceram anos antes. E lá eles desovam e morrem, os seus corpos em decomposição fornecem nutrientes para os ovos recém-postos. Depois os ovos eclodem e começam uma nova geração, repetindo-se esse incrível ciclo.

Estas inúmeras adaptações vão contra as supostas “numerosas, sucessivas e ligeiras modificações” da teoria da evolução, bem como o senso comum. Se as espécies estão bem adaptadas para viverem em água doce, por que sofrer mudanças fisiológicas para viverem em água salgada? E por que empreender uma longa e desgastante viagem de volta ao seu berço original apenas para enfrentar a morte certa?

Como esses peixes, depois de viajar por vários milhares de quilômetros, conseguem encontrar as correntes exatas onde foram primeiro gerados há

vários anos? A teoria da evolução não tem nenhuma explicação plausível a oferecer quanto a isso.

O peixe-escorpião [*iracundus signifer*]

Em águas havaianas nada o magnífico peixe-escorpião com chamariz. Quando caça outros peixes para comer, ele levanta sua barbatana dorsal, que é uma imitação de um pequeno indefeso peixe, mostrando um corpo completo com boca e olhos.

Em seguida, ele permanece imóvel, exceto a barbatana dorsal, que se move de um lado para outro como se abrisse e fechasse a boca. A barbatana se torna transparente, exceto por sua parte superior, que se parece com um peixe distinto. Torna-se um vermelho brilhante, aumentando a ilusão de ser um peixe pequenino. Esta criatura despretensiosa, assim, cria uma ilusão de ótica que faria inveja até mesmo a um artista de efeitos especiais de Hollywood. Para um peixe que se aproxime, o chamariz parece uma refeição fácil, e quando o predador se move para devorar o chamariz, repentinamente, encontra-se dentro das mandíbulas do peixe-escorpião.

Como o Dr. Huse assinala: “O peixe-escorpião com chamariz claramente demonstra grande habilidade, atenção aos detalhes biológicos e um sentido de objetividade. Não importa como isso mexa com a cabeça de alguém, não se pode explicar essa maravilha com a teoria da evolução. Está claro que esse projeto não é obra de um mero acaso, mas sim obra de uma planejada, cuidadosa e deliberada codificação dentro do DNA do peixe-escorpião com chamariz por um programador molecular altamente capacitado” (pág. 36).

E existem outras espécies de peixes que usam chamarizes semelhantes para enganar uma refeição. “Um tipo de tamboril tem uma ‘vara de pescar’ no final de sua cabeça com um ‘bulbo’ luminoso próximo à sua boca. Outro, o tamboril do mar profundo, tem uma espécie de ‘lâmpada’ pendurada acima de sua boca. Ele simplesmente nada com a boca aberta, balançando a isca de um lado a outro. Os pequenos peixes, atraídos pela luz, nadam diretamente para a morte na boca do tamboril!” (Ibidem).

Dr. Huse observa também que o tamboril tem a capacidade de movimentar a sua “isca” de uma maneira que imite algo real; um tamboril com uma isca parecida com um peixe imita um movimento de nado, enquanto outro tamboril com uma isca semelhante a um camarão imita movimento para trás como se fosse um camarão. Caso a “isca” do tamboril seja cortada—como se poderia esperar que ocorresse em alguma circunstância—ele pode regenerá-la totalmente dentro de duas semanas (ibidem).

Negando a evidência inegável

Até aqui você provavelmente já deve ter percebido que a evolução, como explicação para as inúmeras variedades de vida na Terra—não citando a sua existência como um ser humano com pensamentos racionais—simplesmente não faz sentido. Além disso, nós apenas arranhamos a

superfície (ver “O Caso Contra a Evolução”, a partir da página 36, para sugestões de livros que examinam o assunto com mais detalhes).

Então, por que, muitas pessoas se apegam fervorosamente a uma crença com tantas falhas?

Os comentários do apóstolo Paulo sobre os filósofos de sua época certamente pode ser aplicado a nossos dias:

“O que se pode conhecer a respeito de Deus está bem claro para elas, pois foi o próprio Deus que lhes mostrou isso. Desde que Deus criou o mundo, as suas qualidades invisíveis, isto é, o seu poder eterno e a sua natureza divina, *têm sido vistas claramente*. Os seres humanos podem *ver tudo isso nas coisas que Deus tem feito* e, portanto, eles não têm desculpa nenhuma. Eles sabem quem Deus é, mas não lhe dão a glória que ele merece e não lhe são agradecidos. Pelo contrário, *os seus pensamentos se tornaram tolos, e a sua mente vazia está coberta de escuridão*. Eles dizem que são sábios, mas são tolos. Em vez de adorarem ao Deus imortal, adoram ídolos que se parecem com seres humanos, ou com pássaros, ou com animais de quatro patas, ou com animais que se arrastam pelo chão.

“Por isso Deus *entregou os seres humanos aos desejos do coração deles* para fazerem coisas sujas e para terem relações vergonhosas uns com os outros. *Eles trocam a verdade sobre Deus pela mentira* e adoram e servem as coisas que Deus criou, em vez de adorarem e servirem o próprio Criador . . .” (Romanos 1:19-25, BLH, ênfase adicionada).

A descrença desenfreada e a imoralidade têm muito a ver com a negação e a recusa em obedecer ao Deus Criador.

Mas mudanças estão em andamento em face às contundentes evidências.

“É óbvio que a teoria de Darwin não tem a mesma legitimidade que tinha alguns anos atrás”, diz o Dr. Alan Hayward. “Uma pequena, mas significativa minoria de biólogos já a rejeitaram completamente, e estão procurando por uma melhor teoria para substituí-la. Até agora, porém, eles não conseguiram encontrar uma . . . Por outro lado, o caso a favor da *existência do Criador* é mais forte hoje do que nunca antes. Em todos os ramos da ciência há um crescente corpo de evidências de que o universo e tudo que nele existe foram *desenhados*—todas as coisas não podem ser do jeito que são por conta do acaso.

“Esta prova tem tanto peso que até mesmo alguns eminentes cientistas incrédulos tiveram que buscar coragem para enfrentá-la . . . A resposta mais razoável para a pergunta: Houve criação? Certamente é: Sim—houve criação de certa maneira!” (*Criação e Evolução*, 1985, pág. 65, grifo nosso).

Agora, com a nossa maior compreensão dos sistemas extremamente complexos e integrados que regem todos os seres vivos, muitos cientistas estão começando a ver que a teoria de Darwin de que toda a vida evoluiu através de um sistema gradual de adaptações pode ser facilmente e concretamente refutada.

O professor Behe resume os resultados de muitos anos de trabalho em bioquímica molecular: “A simplicidade que uma vez se esperava que fosse

o fundamento da vida provou ser um fantasma, em vez disso, sistemas de enorme e irreduzível complexidade, habitam a célula. A constatação final de que a vida foi desenhada por uma inteligência é um choque para nós no século XX, pois nos acostumamos a pensar na vida como o resultado de simples leis naturais” (pág. 252).

E a extensa complexidade não está apenas na base da vida, mas todos os seus sistemas e interrelações diminuem a probabilidade de evolução como uma explicação para a vida na Terra, tornando-a uma absoluta impossibilidade.

Não é surpreendente que conclusões como essas não tenham recebido muita publicidade. A maioria das pessoas não tem conhecimento das muitas falhas do darwinismo e das grandes descobertas científicas e conclusões que contradizem a teoria da evolução. Mas o reconhecimento do fato óbvio de que a vida não é resultado de forças aleatórias, mas do desenho inteligente está ganhando terreno. E, finalmente, todo mundo saberá.

O zoofisiologista sueco Soren Lovtrup resume: “Eu acredito que um dia o mito darwiniano será classificado como o maior engano da história da ciência” (*Darwinismo: A Refutação de um Mito*, 1987, pág. 422.). Que dia memorável será esse!

Competição ou Cooperação: Como a Simbiose Desafia Darwin

Um sério obstáculo para a teoria da evolução é a relação de interdependência entre os seres vivos, chamada de simbiose, em que formas de vida completamente diferentes dependem uns dos outros para existir.

A teoria de Darwin da mudança biológica foi baseada na concorrência, ou a sobrevivência do mais apto, entre os indivíduos que compõem uma espécie. Ele admitiu: “Se pudesse ser provado que qualquer parte da estrutura de qualquer espécie tenha sido formada para o bem exclusivo de outra espécie, isso aniquilaria a minha teoria, pois tal coisa não poderia ter sido produzida por meio da seleção natural” (*A Origem das Espécies*, 1859, Obras-primas da Ciência, edição 1958, pág. 164).

As relações simbióticas representam um desafio para a teoria de Darwin, uma vez que há animais e plantas de espécies diferentes cooperando para o benefício de ambos. Os evolucionistas chamam isso de coadaptação, mas eles ainda têm de encontrar uma explicação plausível de como tais relações poderiam ter evoluído em estágios.

Como pode plantas que necessitam de certos animais para sobreviver terem existido antes que esses animais surgissem?

E como animais que precisam de outros animais sobreviveriam sem que seus parceiros surgissem no momento certo?

A simbiose entre as formas inferiores de vida

Um exemplo de simbiose benéfica (chamada de mutualismo) é a encontrada entre as algas e os fungos de líquens. Enquanto os fungos fornecem a proteção vital e a umidade para as algas, as algas sustentam os fungos com nutrientes fotossintéticos para mantê-los vivos. Como um livro de biologia assinala: “Nenhuma população poderia existir sem a outra, e, portanto, o tamanho de cada uma é determinado pelo da outra” (Mary Clark, *Biologia Contemporânea*, 1973, p 519.).

Então, o que veio primeiro, a alga ou fungo? Uma vez que nenhum poderia existir sem o outro, de acordo com a evolução, para ambos sobreviverem tiveram que evoluir de forma independente uma da outra, ainda assim apareceram exatamente ao mesmo tempo e precisamente com as funções certas.

Como pode duas espécies completamente diferentes evoluir separadamente de ancestrais distintos, mesmo dependendo uma da outra para existir? Francamente, a ideia de que essa relação evoluiu é totalmente sem sentido.

A simbiose entre plantas e animais

A seguir, considere a relação entre as abelhas e as plantas.

Ao coletar o precioso néctar que suas colmeias fornecem como alimentos, as abelhas polinizam dezenas de espécies de flores e culturas agrícolas. Sem essa polinização vital, os pomares produziram pouco ou nenhum fruto, e as árvores frutíferas não sobreviveriam por muito tempo. Como estas plantas podem ter existido sem primeiro serem polinizadas por abelhas? Por outro lado, como poderiam existir abelhas sem primeiro ser fornecido o néctar necessário para seu alimento?

Além disso, as abelhas têm de realizar a polinização de uma maneira precisamente específica para o processo funcionar. Se a abelha visitar outras espécies de flores de forma aleatória, a polinização não poderia ocorrer, uma vez que o pólen de uma espécie de flor não fertiliza outra espécie. De certo modo, a abelha sabe visitar apenas uma espécie de planta no tempo e na estação certa.

Um dos exemplos mais surpreendentes de simbiose é que ocorre entre a planta da iúca e a mariposa-da-iúca. A planta da mandioca é incapaz de polinizar-se para gerar mais sementes e se reproduzir. A mariposa-da-iúca (*Tegeticula*, antes chamada *Pronuba*) poliniza a planta da iúca ao colocar seus ovos dentro da planta.

Depois da eclosão, as larvas da mariposa se alimentam das sementes da iúca. Notavelmente, a traça cuidadosamente regula

o número de suas larvas crescendo dentro de cada flor para que elas não consumam todas as sementes da planta—porque se comessem todas as sementes a planta deixaria de se reproduzir, assim, eventualmente condenando a extinção a ambos!

Ao polinizar a planta, a mariposa desenvolve alimentos (sementes de mandioca) para suas larvas, assegurando que a planta possa perpetuar sua espécie também.

Mas isso não é tudo. O ciclo de vida da mariposa-da-iúca é sincronizado de modo que as mariposas adultas surgem no início do verão—exatamente quando as plantas-de-iúca estão florescendo.

Como poderia esta relação notável ter desenvolvido por pequenas mudanças aleatórias em ambas as plantas e insetos ao longo das eras? É óbvio que apareceram de uma vez só ou nunca poderiam ter se desenvolvidos.



Simbiose entre animais

Toda vida animal está munida com algum tipo de instinto de sobrevivência. Cada um sabe que tipo de comida precisa e uma forma de evitar ou se defender de todos os predadores. No entanto, algumas criaturas permitem que outras espécies, que lhes serviriam de alimento, realizem tarefas de limpeza e higiene, sem ameaça-las ou feri-las. Os cientistas chamam esse fenômeno de “simbiose de limpeza”.

É comum que peixes de grande porte, como os tubarões, após consumir peixes menores, fiquem com restos de comida e parasitas entre seus dentes. Eventualmente, estas partículas podem causar uma doença ou esse acúmulo perigoso de matérias pode trazer-lhe dificuldades ao comer. Mas existem certos tipos de pequenos peixes que agem como escovas de dente biológicas, limpando com segurança os dentes dos grandes predadores.

Durante essa limpeza tais peixes nadam sem medo no interior da boca aberta de peixes maiores e comem cuidadosamente os

A evolução não pode explicar as notáveis relações simbióticas entre as espécies. Aqui, um tubarão-baleia espera pacientemente enquanto os gobiões nadam dentro e fora de sua boca—fazendo a limpeza de seus dentes!

resíduos e parasitas dos dentes. Como pode um peixe predador conter seus instintos de conseguir uma refeição fácil, bastando apenas fechar a boca e mastigar, ou evitar atacar só por causa de um irritante processo de limpeza? Essas ações vão diretamente contra os instintos de autopreservação de ambos os animais, mas eles metodicamente realizam este procedimento de desinfecção. Algumas espécies até agem como se num lava-rápido, onde os grandes peixes esperam pacientemente pela sua vez enquanto as bocas dos outros são limpas.

Essa limpeza simbiótica também é encontrada entre espécies de aves e répteis. No Egito, a tarambola egípcia pula direto na boca aberta do crocodilo do Nilo para remover parasitas. Depois que o trabalho é feito, seja se o crocodilo estiver com fome ou não, o pássaro sempre sai ileso.

Essas relações entre diversas criaturas sofisticadas mostram uma concepção de um desenho inteligente e de um trabalho premeditado. As relações simbióticas são claramente um grande desafio para o darwinismo, proporcionando uma sólida evidência de um Projetista e Criador.

Como poderia tão distintos animais, que normalmente têm uma relação de 'predador e vítima', tornem-se parceiros numa operação de limpeza? Se esses procedimentos evoluíram, como insistem os evolucionistas, quantas aves teriam sido comidas vivas antes que o crocodilo decidisse se era de seu interesse que limpassem sua boca para, em seguida, deixar sua presa escapar? Em contraste, quantos pássaros teriam continuado limpando os dentes de crocodilos quando vissem alguns dos seus primos emplumados sendo comidos vivos por eles? Eles certamente estariam instintivamente cientes de que maneiras melhores e mais seguras de obter uma refeição estão disponíveis a eles.

Essas relações entre diversas criaturas sofisticadas mostram uma concepção de um desenho inteligente e de um trabalho premeditado. As relações simbióticas são claramente um grande desafio para o darwinismo, proporcionando uma sólida evidência de um Projetista e Criador.

A Prova Científica: Diante dos Olhos do Espectador

O mundo ao nosso redor fornece evidências convincentes da obra de Deus e até mesmo o vislumbre de Sua natureza e caráter.

Como o apóstolo Paulo escreveu: "Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas" (Romanos 1:20, NVI). No entanto, muitos permanecem cegos a este fato.

Vamos considerar o que um famoso escritor do campo da ciência disse sobre duas flores particulares, ambas as orquídeas. Embora a sua linguagem seja um pouco técnica, é importante ler o relato, nas palavras do próprio autor, como ele descreve as suas descobertas e as de outro cientista, Dr. Cruger. Vale muito a pena ler essa incrível história.

Um banheiro para a abelha-de-orquídea

Sobre o que é chamado orquídea bolsa de pastor (*Coryanthes Panamensis*), ele declarou:

"Esta orquídea tem parte de seu labelo ou lábio inferior escavado em um balde grande, em que as gotas de água quase pura continuamente caem de dois cornos secretores que estão acima dele, e quando o balde está meio cheio, a água transborda por uma bica lateral. A parte basal do labelo está sobre o balde, e ele próprio é escavado em uma espécie de câmara com duas entradas laterais; dentro desta câmara há curiosos cumes carnaís. *O mais engenhoso dos homens, se não tivesse testemunhado o que acontece, nunca poderia ter imaginado o propósito de todas estas peças [grifo nosso todo].*

"Mas o Dr. Cruger viu uma grande multidão de zangãos [abelhas do gênero *Bombus*] visitando as flores gigantescas desta orquídea, não para sugar o néctar, mas para coletar a cera dentro da câmara acima do balde. Ao fazer isso, eles frequentemente se empurravam para dentro do balde, e suas asas sendo molhadas os impediam temporariamente de voar, então eles eram obrigados a rastejar para fora através da passagem formada pela bica lateral.

"O Dr. Cruger viu uma 'procissão contínua' de abelhas, assim, rastejando para fora de seu banho involuntário. A passagem é estreita, e é coberta por cima pela coluna, de modo que um zangão, ao forçar seu caminho para fora, primeiro esfrega as costas contra o estigma viscoso [a parte mais complicada da flor que

recebe o pólen] e, em seguida contra as glândulas viscosas da massa de pólen (os polínios). Assim a massa de pólen é colada à parte de trás do zangão que se arrasta para fora através da passagem da flor, recém-expandida, e assim o pólen é levado . . .

“Quando a abelha, assim provida com o pólen, voa a outra flor, ou para a mesma flor uma segunda vez, e é empurrada pelas outras para dentro do balde e, em seguida, se arrasta para fora da passagem, a massa de pólen necessariamente entra em contato com o estigma viscoso, este se adere ao estigma, e a flor é fertilizada. Agora, finalmente, vemos o uso completo de todas as partes da flor, dos cornos secretores de água, do balde meio cheio de água, que impede que as abelhas saiam voando, e obrigando-as a rastejar para fora através do bico, e se esfregam contra as glândulas viscosas da massa de pólen estrategicamente posicionadas e contra o estigma viscoso”.

Os detalhes desse desenho fascinante nos mostram complexidade, variedade e até mesmo um toque de humor no mundo em nossa volta. Várias escrituras afirmam que podemos aprender de Deus através de Sua criação.

Uma flor que dispara precisamente

O mesmo escritor, então, descreve a outra orquídea, dando mais um exemplo notável de desenho cuidadosamente planejado no mundo natural:

“A construção da flor noutra bem semelhante espécie de orquídea, a *Catasetum* é muito diferente, apesar de servir o mesmo fim, e é igualmente curiosa. As abelhas visitam estas flores, como as *Coryanthes*, para roer o labelo [labial], ao fazer isso, inevitavelmente, tocam um filamento longo, projetado e sensível, ou, como eu o chamei, uma antena.

“Esta antena, quando tocada, transmite uma sensação ou vibração a certa membrana que é imediatamente rompida, o que dispara uma mola de onde a massa de pólen é projetada adiante, como uma flecha, na direção certa, e se adere à extrema parte de trás da abelha porque é viscosa [pegajosa]. A massa de pólen da planta macho (os sexos são separados nesta orquídea) é assim transportada para a planta fêmea, onde é posto em contato com o estigma, que é suficientemente viscoso para quebrar certos fios elásticos, e retendo o pólen a fecundação é feita”.

Então, aqui vemos outra maravilhosa ilustração da obra de Deus. No entanto, como mencionado antes, nem todos veem da mesma forma a evidência da criação. O autor que escreveu estas observações das maravilhas do mundo ao seu redor não era ninguém menos do que Charles Darwin, e as citações são do livro *A Origem das Espécies* (1859, Obras-primas da Ciência, Edição 1958, págs. 156-157).

Pontos de vista divergentes da evidência

Será que isso surpreende a você? Deveria. Darwin usou estes exemplos para mostrar a capacidade das plantas de se adaptarem e de se variar, em vez de mostrar a diversidade do desenho de Deus. E a comunidade científica em geral seguiu seu exemplo. Então, muitas vezes, o que é claramente uma evidência da obra de Deus, em vez disso, é apresentado como resultado de uma evolução cega. Por que nem todos veem a evidência da mesma forma, especialmente ao se levar em conta a declaração de Paulo em Romanos 1:20 de que a natureza fornece uma prova de Deus? Na verdade, os que estão no campo científico frequentemente veem muito mais evidências da criação divina do que uma pessoa média.

O fato é que, embora haja evidência suficiente para todos, cada um faz uma escolha de como interpretá-la. Alguns dos primeiros filósofos fizeram uma escolha consciente de rejeitar Deus. Estudiosos de diversas áreas têm seguido atrás. Como diz o ditado, “Não há ninguém tão cego como aqueles que não querem ver”.

Paulo continua em Romanos 1: “Tais homens são indesculpáveis; *porque, tendo conhecido a Deus*, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, *mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se*. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos” (versículos 20-22, NVI).

Temos uma importante escolha a fazer sobre a prova de um Deus Criador. Nós temos que escolher se vamos aceitá-la ou não. Nossa escolha terá um efeito profundo em nossas vidas.

Se virmos Deus pelo que Ele fez, então nós temos um lembrete constante de Sua capacidade, interesse, propósito e até mesmo de Seu senso de humor. Mas, se não vemos Deus, então não há nem sinal nem lembrança de Seu propósito para a nossa existência. Consequentemente, podemos pôr em risco o funcionamento normal de nossa consciência, que foi dada por Deus, para pudermos questionar os nossos pensamentos e ações.

Deus pode guiar e abençoar aqueles que sabiamente escolhem aceitar a evidência e acreditar nEle. Devemos fazer a escolha certa.



Um notório cientista registrou as relações notáveis que ele viu entre certas espécies de abelhas e flores. No entanto, o fato de ele decidir aceitar a evidência de um Projetista e Criador é uma lição vital para nós.

O Mundo Antes do Homem: A Explicação Bíblica

Muitas pessoas rejeitam o relato bíblico da criação, pensando que contradiz as descobertas científicas feitas nos últimos séculos. Mas esse é realmente o caso? É vital que possamos compreender corretamente o que o relato bíblico diz e o que não diz.

Anteriormente, analisamos os pontos fracos da teoria da evolução como explicação para a complexidade desconcertante das formas de vida que vemos ao nosso redor. Agora vamos voltar para a própria Bíblia para ver o que o Deus Criador tem a dizer sobre a Sua criação.

Ao somarmos as idades dos patriarcas bíblicos chegamos uma data de cerca de seis mil anos atrás para os primeiros pais humanos, Adão e Eva, criados por Deus, no final de seis dias de criação. Então, como entender isso se cientistas afirmam que o universo e nosso planeta têm bilhões de anos? Embora possa haver falhas nos métodos de datação, considere que as pessoas muitas vezes fazem suposições erradas sobre o que diz a Bíblia. O que ela realmente revela?

O primeiro capítulo de Gênesis é esclarecido em outras passagens

Tenha em mente que Deus não costuma explicar tudo o que há para saber sobre um assunto em um só lugar na Bíblia. Até mesmo os escritores bíblicos, inspirados por Ele, nem sempre entendiam completamente o que registravam (comparar Daniel 12:8-9, 1 Pedro 1:10-12). E, muitas vezes, Ele dá mais detalhes em outras passagens. Assim acontece com Gênesis 1.

Veja, por exemplo, que Gênesis 1:1 diz: “No princípio, criou Deus os céus e a terra”. Pode parecer que este versículo descreve o início de tudo, porém Deus mais tarde revela detalhes dos eventos e condições que ocorreram antes disso.

O apóstolo João, escrevendo sob a inspiração de Deus, nos leva de volta a um tempo que antecede os acontecimentos descritos no primeiro capítulo de Gênesis. “No *princípio*”, diz ele, “era o *Verbo*, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (João 1:1-3, ênfase adicionada).

Aqui, a Bíblia revela que, antes da criação dos céus e da terra descrita em Gênesis 1, o Verbo divino (Aquele que se tornou Jesus, versículo 14) estava com Deus e Deus fez tudo através dEle. Nada disso é revelado no relato do

Gênesis, mas esses detalhes nos ajudam a entender quem Deus era no início e no momento da criação da Terra. Vemos que João nos dá mais informação que nos ajuda a entender o que aconteceu. (Para entender melhor quem é o que é Deus, e como a criação prova a Sua existência, baixe ou solicite sua cópia gratuita do livro *A Questão Fundamental da Vida: Deus Existe?* em www.revistaboanova.org/literatura).

Da mesma forma, Gênesis 1:2 descreve a Terra como sendo “sem forma e vazia”. Esta descrição superficial não oferece nenhuma explicação porque a Terra estava nesta condição. No entanto, Deus revela mais detalhes em outras partes da Sua Palavra.

Apesar de não ser mencionado em Gênesis, Deus em outros lugares explica que os anjos estavam presentes na criação da Terra. Nós encontramos esse detalhe registrado no livro de Jó, onde Deus pergunta a Jó: “Onde estavas tu quando eu fundava a terra? . . . Quem assentou a sua pedra de esquina, quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?” (Jó 38:4, 6-7). As “estrelas da alva” e os “filhos de Deus”—os anjos—exultaram quando viram a Terra passar a existir milagrosamente.

A revolta angelical

A chave para entender por que a terra estava “sem forma e vazia” tem a ver com o que aconteceu com alguns desses anjos. Novamente, Gênesis não descreve nada dessa história angelical. Porém mais tarde, em Sua Palavra, Deus revela que havia um grande anjo, Lúcifer, que se rebelou contra Ele: “Como caíste do céu, ó *estrela da manhã* [Vulg., “Lúcifer”], filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, e, acima das estrelas de Deus... Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo” (Isaías 14:12-14).

Aqui Deus explica que Lúcifer tinha um trono, o que representa uma posição de liderança e autoridade. Ele insurgiu-se de algum lugar inferior para tentar derrubar a Deus, mas foi “lançado ao chão”.

Onde ficava este lugar do trono de Lúcifer? Jesus Cristo, que a tudo assistiu era o “Verbo” ao lado de Deus na criação, revela mais detalhes. “Eu via Satanás, como raio, cair do céu”, disse Ele (Lucas 10:18). Lúcifer, que se tornou Satanás (significa adversário) em sua rebelião, foi expulso do céu—para a Terra!

A Bíblia explica que Satanás mantém sua autoridade sobre este planeta. Observe o que Satanás disse a Cristo: “E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe, num momento de tempo, todos os reinos do mundo. E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero” (Lucas 4:5-6).

Jesus resistiu a essa tentação, mas não contestou a afirmação da atual autoridade de Satanás, depois até o chamou de “o príncipe deste mundo” (João 12:31; 14:30; 16:11). Ele aparece em outro lugar onde é chamado de “o deus deste século” (2 Coríntios 4:4).

Não é por acaso que, em Gênesis 3, logo depois que Deus criou Adão e Eva, Satanás apareceu em cena no jardim como uma serpente. A terra estava—e ainda está—sob seu domínio. Ele tinha sido expulso para a Terra antes da criação do homem. Como visto no relato da tentação de Cristo, Satanás tinha recebido autoridade sobre a Terra. Em seguida, ele se rebelou contra Deus em uma batalha em que foi lançado de volta à Terra, como disse Cristo. (Para saber mais, baixe ou solicite nosso livro gratuito *O Diabo Realmente Existe?*).

A Terra é o reino de Satanás. O livro de Jó registra Deus conversando com Satanás: “De onde vens?” Satanás respondeu: “De rodear a terra e passear por ela” (Jó 1:7).

Como a Terra tornou-se devastada e vazia

Em Gênesis não vemos detalhes da inspiradora criação inicial, a criação bem antes de Adão e Eva onde os anjos cantaram de alegria. E aí não vemos como a criação veio a ser um caos—“sem forma e vazia”.

O texto, porém, não oferece pistas. Observe que a Bíblia Nova Versão Internacional tem uma anotação marginal sobre a tradução de Gênesis 1:2, assim definindo entre parênteses: “A terra era [ou, possivelmente, *tornou-se*] sem forma e vazia . . .”.

Deus revela em algum outro lugar de Sua Palavra como a Terra veio a ficar neste estado desordenado, “sem forma e vazia”? Ele nos dá algumas dicas no livro de Isaías. “Porque assim diz o SENHOR que tem criado os céus, o Deus que formou a terra e a fez; ele a estabeleceu, *não a criou vazia, mas a formou para que fosse habitada*: Eu sou o SENHOR, e não há outro” (Isaías 45:18).

O termo hebraico traduzido aqui como ‘vazia’ é mesma palavra traduzida como “sem forma” em Gênesis 1:2. No entanto, aqui Isaías registra Deus dizendo que originalmente *não criou* a Terra nesta condição. Outros textos, tais como Isaías 34:11 e Jeremias 4:23, descrevem essa devastação similar sobre a Terra usando as mesmas palavras traduzidas como “sem forma e vazia” em Gênesis 1:2. Não há dúvida de que estas palavras descrevem a Terra como estando vazia, abandonada, como um terreno baldio.

O relato de Gênesis simplesmente não providencia todos os detalhes. Mas a totalidade da Bíblia preenche essa história em outras partes. As peças que faltam são dadas em outras escrituras, que nos contam sobre a rebelião de Satanás contra Deus. E descrevem sua tentativa de derrubar a Deus e que, como resultado de uma grande batalha sobrenatural, ele foi lançado abaixo.

Nós vemos o que parece ser uma situação paralela em Apocalipse 12:7-9, que descreve uma tentativa de Satanás para derrubar Deus pouco antes do retorno de Cristo: “E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão; e batalhavam o dragão e os seus anjos, mas não prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele”.

No entanto, Deus permitiu a Satanás manter a autoridade sobre este mundo atual. O próprio Satanás ofereceu a Jesus a oportunidade de compartilhar com ele esse governo sobre a Terra.

Como pôde ser visto, quando examinamos toda a Escritura, encontramos muito mais informações que iluminam e explicam o relato de Gênesis.

A Terra renovada e restaurada

Vejam outra seção da Escritura onde Deus inspirou um salmo revelando mais sobre a Sua criação. “Ó SENHOR”, escreve o salmista, “quão variadas são as tuas obras! Todas as coisas fizeste com sabedoria; cheia está a terra das tuas riquezas . . . Envias o teu Espírito, e são criados, e assim *renovas* a face da Terra” (Salmo 104:24, 30).

A superfície da Terra precisava de uma *renovação*, quando Deus criou as atuais formas de vida, que vemos ao nosso redor. Então, o que retrata o registro fóssil? Ele mostra uma série de fósseis de formas de vida em depósitos sedimentares espalhadas na crosta da Terra. O homem, tal como conhecemos, feito à imagem de Deus com enormes capacidades criativas e espirituais, deixou registros escritos que nos levam de volta a pouco mais de cinco mil anos.

Este é um pequeno espaço de tempo comparado com o que a maioria dos cientistas considera a idade da Terra e das estrelas, baseado em suas pesquisas. O homem, em um tempo incrivelmente curto, construiu as pirâmides—que até hoje desafiam qualquer construção. O homem viajou para a lua e enviou naves espaciais para explorar o nosso sistema solar e além. Tais realizações mostram a enorme diferença da Terra antes e depois de Adão.

Por quanto tempo os anjos existiram antes de o homem ser criado? A Bíblia não revela a resposta. Quanto tempo Lúcifer levou para convencer a um terço dos anjos a rebelar-se contra Deus? (comparar Apocalipse 12:4). Lembrem-se os anjos são seres espirituais, para quem o envelhecimento não tem nenhuma consequência (Lucas 20:36). Isso pode ter ocorrido em qualquer período de tempo, talvez milhões ou bilhões de anos, os anjos foram criados e viveram antes da criação de Adão e Eva e da renovação da terra descrita em Gênesis.

Parece que a rebelião de Satanás aconteceu depois de a Terra ter passado pela era dos dinossauros. Por conseguinte, os geólogos concordam que algo dramático ocorreu entre a idade dos répteis e a idade dos mamíferos.

Como o famoso paleontólogo George Gaylord Simpson comentou certa vez: “O evento mais intrigante da história da vida na Terra é a mudança da Era Mesozoica dos Répteis, para a . . . Era dos Mamíferos. É como se repentinamente uma cortina baixasse em um palco onde todos os papéis principais eram dos répteis, especialmente dinossauros, em grande número e variedade desconcertante, e voltasse a subir para revelar imediatamente o mesmo cenário, mas com um elenco totalmente novo, um elenco em que os dinossauros não fazem parte, os figurantes são outros tipos de répteis e os atores principais são todos desempenhados por mamíferos, de uma espécie

que foi apenas sugerida nos atos anteriores” (*A Vida Antes do Homem*, 1972, pág. 42).

Aparentemente, isto reflete a mudança do mundo pré-adâmico para o mundo do homem. Certamente existem répteis menores em nosso mundo, mas eles são insignificantes em comparação com os que existiam na época anterior.

Esta não é a única explicação disponível da “antiga terra”, mas parece ser a que tem mais sentido bíblico. Pois, ela aceita literalmente os dias de 24 horas da semana de criação (ou recriação) e, ao mesmo tempo, permite o espaço de um período indefinido antes da criação da humanidade, que pode incluir os dinossauros e as eras anteriores.

Para compreender melhor a explicação bíblica de uma criação inicial, seguida de destruição e mais tarde recriação, procure ler a “Idade da Terra: A Bíblia Indica Um Intervalo de Tempo Entre o Primeiro e o Segundo Versículo de Gênesis?” que começa na página 72. E para saber mais ainda deste período, leia “Gênesis 1 e os Dias da Criação” que começa na página 75.

A explicação da Bíblia

A Bíblia pode explicar a evidência do registro fóssil, que aponta para uma terra antiga e a criação divina, ao mesmo tempo? Sim, ela pode. Nós não sabemos os detalhes do que aconteceu antes da era do homem. Mas Jesus Cristo nos assegurou que, quando Ele retornar “nada há encoberto que não haja de ser manifesto; e nada se faz para ficar oculto, mas para ser descoberto” (Marcos 4:22).

Em vez de tatear pelo labirinto caótico e confuso da teoria da evolução, devemos olhar para a Palavra de Deus para termos garantia. E é lá—diretamente do nosso Criador—que encontramos a verdade da origem do homem.

Talvez a seguinte citação do notável escritor George Sim Johnston pode melhor resumir essa verdade: “O livro de Gênesis tem se mantido firme sob o escrutínio da geologia e da arqueologia moderna. A física do século XX, além disso, descreve o começo do universo em praticamente os mesmos termos cosmológicos como Gênesis. O espaço, o tempo e a matéria vieram do nada em uma única explosão de luz inteiramente propícia para a vida baseada em carbono. Um número crescente de químicos e biólogos concorda que a vida teve sua origem a partir do modelo de barro (Gênesis 2:7) . . . Eu diria que tudo isso é um desenvolvimento curioso para os darwinistas” (*Reader’s Digest*, Maio de 1991, pág. 31).

Mas essas coisas não são um “desenvolvimento curioso” para aqueles que acreditam fielmente em “toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4:4), como Cristo acreditou. Eles sabem que tais verdades foram registradas na Bíblia para a humanidade há milhares de anos.

A Bíblia é que deve orientar o nosso padrão moral, para descobrirmos a nossa única fonte verdadeira de salvação e, talvez acima de tudo, para

nossa crença no invisível Deus Criador. Então, não devemos duvidar da verdadeira origem das espécies mencionadas no épico da criação, que é o livro de rocha sólida sobre o início de tudo, Gênesis.

Será que realmente importa em que você acredita?

Nós vimos a história não contada da evolução: como os pilares que supostamente sustentam a evolução—o registro fóssil, a seleção natural e a mutação aleatória—não sustentam nada esta teoria. Temos visto que a evolução não pode ser explicada através dos inúmeros fatos que vemos no mundo ao nosso redor. Também vimos que o livro de Gênesis não entra em conflito com a ciência e que, quando se analisam as evidências, ele realmente oferece uma explicação muito mais sólida do que a teoria darwiniana.

Então, o que você vai fazer com tudo isso? A escolha é sua de como você vê a evidência (e muitas das fontes citadas nas páginas 36-38 podem ajudá-lo a aprender muito mais).

Você pode escolher ficar com o ponto de vista de que não há um Criador e que tudo é simplesmente resultado do acaso cego, uma série de incidentes de sorte. Você pode decidir por si mesmo como deve viver e que valores e princípios utilizará para lidar com os outros. Você pode acreditar que o homem criou Deus e não ao contrário. Como Paulo assinalou há quase dois mil anos, muitas pessoas estão bastante satisfeitas de encontrar formas para arrazoar sobre toda a evidência de um Criador (Romanos 1:20-32).

Por outro lado, você pode aceitar a evidência de que *existe* um Criador que se importa com você de uma maneira que você não pode sequer imaginar.

Cerca de três mil anos atrás, o rei Davi registrou seus pensamentos ao olhar para magnificência do céu à noite. Ele orou a Deus: “Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que ali firmaste, pergunto: Que é o homem, para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes” (Salmo 8:3-4, NVI).

Davi entendeu que um Ser capaz de criar tamanha perfeição e esplendor deve ter um grande plano e um propósito para nós. E, *de fato, Ele tem*. Deus quer revelar esse propósito para você, para lhe mostrar o caminho para sair da dor e da tristeza que trouxemos sobre nós mesmos ao rejeitar os Seus caminhos. Ele faz este convite incrível: “Clama a mim, e responder-te-ei e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes, que não sabes” (Jeremias 33:3).

Resumimos algumas destas “coisas grandes e firmes” em nosso livro gratuito *Qual É o Seu Destino?* Este livro mostra das Escrituras o futuro que Deus tem planejado para aqueles que estão dispostos a acreditar nEle e aceitar o Seu convite. É um futuro muito além do vazio e propósito amoral, emocional e espiritual oferecido pela evolução.

“Coloquei diante de vocês a vida e a morte”, Ele nos diz. “*Escolham a vida*, para que vocês e os seus filhos vivam” (Deuteronômio 30:19, NVI).

A escolha é sua.

Idade da Terra: A Bíblia Indica Um Intervalo de Tempo Entre o Primeiro e o Segundo Versículo de Gênesis?

Outras passagens, bem como a história, podem lançar alguma luz sobre essa questão?

Somos apresentados ao relato da criação da Terra em Gênesis 1:1-2: “No princípio, criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo . . .”

O texto original hebraico, comparado com outras passagens da Escritura, tem levado alguns a concluir que pode haver um intervalo de tempo considerável entre estes dois versículos. Se realmente houver tal intervalo, então não há discrepância entre o registro da Bíblia e afirmação científica de que a Terra tem vários bilhões de anos. Se, por outro lado, se não houve essa lacuna, então a terra em si deve ter apenas seis mil anos de idade—o que a maioria dos cientistas considera ser impossível.



A Terra só tem seis mil anos? Muitos supõem que é isso que a Bíblia diz, mas o texto original de Gênesis 1 permite uma criação muito mais antiga.

Outras passagens, bem como a história, podem lançar alguma luz sobre essa questão?

Alguns estudiosos propõem que Gênesis 1:2 pode ou deve ser traduzido assim: “Agora a terra *tornou-se* sem forma e vazia . . .” em oposição à tradução comum: “A terra *era* sem forma e vazia . . .” Outros descartam completamente essa ideia. Eles creem que a palavra hebraica original, *hayah*, deve ser traduzida como “era” e, em seguida, pressupõem que a terra foi criada originalmente com essa forma desordenada.

No entanto, como pode ser visto a partir de muitas ajudas bíblicas, ambas as traduções do termo são possíveis.

Apenas o contexto do capítulo e do livro pode determinar o que está correto. Gleason Archer, professor de línguas bíblicas,

comenta: “Nota-se, neste contexto, que o verbo ‘*era*’ em Gênesis 1:2 pode possivelmente ser traduzido como ‘*tornou-se*’ e pode ser interpretado com o seguinte significado: ‘E a terra tornou-se sem forma e vazia’. Somente uma catástrofe cósmica poderia explicar a introdução da desordem caótica na perfeição original da criação de Deus. Esta interpretação certamente parece ser exegeticamente defensável . . .” (*Um exame da Introdução do Antigo Testamento*, 1974, pág. 184).

Em uma nota de rodapé Archer acrescenta: “Propriamente falando, esse verbo *hayah* nunca tem um significado estático, como o verbo ‘*ser*’. Sua noção básica é a de se tornar ou emergir como tal e tal, ou de vir a ser . . . Às vezes, uma distinção é tentada com as seguintes linhas: *hayah* significa “*tornar-se*” apenas quando é seguido pela preposição *le*, caso contrário não dá uma ideia explícita de tornar-se. Mas esta distinção não resiste à análise. Em Gênesis 3:20 a tradução adequada é: ‘E chamou Adão o nome de sua mulher Eva, porque ela *tornou-se* a mãe de todos os viventes’. Nenhuma preposição *le* segue o verbo no presente caso”.

Assim também em Gênesis 4:20: “Jabal *tornou-se* pai dos que habitam em tendas”. Portanto, não pode haver nenhuma objeção gramatical para se traduzir Gênesis 1:2 assim: “E a terra *tornou-se* caos e desolação” (ibidem).

Alguns estudiosos também argumentam contra traduzir *hayah* como “*tornou-se*” em vez de “*era*” em Gênesis 1:2 porque pressupõem que essa interpretação surgiu apenas recentemente, depois de os cientistas determinarem que a Terra é muito antiga. Assim, eles consideram essa explicação uma tentativa desesperada de conciliar o relato de Gênesis com a geologia moderna. A explicação de que existiu um período indefinido entre a bela criação inicial descrita em Gênesis 1:1 e a terra ter se tornado sem forma e vazia no versículo 2 tem sido chamado, às vezes depreciativamente de “a teoria da lacuna”. A ideia foi atribuída a Thomas Chalmers no século XIX e Cyrus Scofield no século XX.

No entanto, esta interpretação de que a terra “*tornou-se*” sem forma e vazia tem sido discutida há cerca de dois mil anos, como mostrado por Custance Arthur tarde em seu livro *Sem Forma e Vazia: Um Estudo do Significado de Gênesis 1:2*.

A mais antiga controvérsia conhecida, registrada sobre esse assunto pode ser atribuída aos sábios judeus no início do segundo século.

Os estudiosos hebreus que escreveram o Targum Onkelos, a primeira das paráfrases aramaicas do Antigo Testamento, traduz Gênesis 1:2 com uma expressão aramaica usada pelo Dr. Custance como “e a terra estava devastada” (1988, pág. 15). O idioma original, evidentemente, levou-os a entender que algo aconteceu

a ponto de ter “devastado” a terra, e eles interpretaram isso como uma destruição.

O antigo teólogo católico Orígenes (186-254), em seu comentário *De Principiis*, explica sobre Gênesis 1:2 que a terra original tinha sido “arrasada” (Padres Antinicanos, 1917, pág. 342).

Na Idade Média, o estudioso flamenco Hugo de São Victor (1097-1141) escreveu sobre Gênesis 1:2: “Talvez o suficiente já tenha sido debatido sobre essas questões, até agora, se somarmos apenas isso: ‘Quanto tempo o mundo permaneceu neste distúrbio antes do reordenamento regular . . . ter sido realizado?’” (*De Sacramentis Christianae Fidei*, Livro 1, parte 1, capítulo 6). Outros estudiosos medievais, como Dionísio Peavius e Pererius, também consideraram que houve um intervalo de tempo entre Gênesis 1:1 e 1:2.

Segundo *A Nova Enciclopédia Schaff-Herzog de Conhecimento Religioso*, o holandês estudioso Simon Episcopius (1583-1643)

Como a terra tornou-se “sem forma e vazia”, como descrito em Gênesis 1? Através de um cuidadoso estudo das Escrituras, podemos recolher algumas informações sobre a história da Terra antes do relato de Gênesis.

ensinava que a Terra tinha sido originalmente criada antes dos seis dias da criação descritos em Gênesis (1952, vol. 3, pág. 302). Isto foi cerca de duzentos anos antes de a geologia divulgar uma origem antiga para a Terra.

Estes numerosos exemplos nos mostram que a ideia de um intervalo entre Gênesis 1:1 e 1:2 tem uma longa história. Qualquer alegação de que seja apenas uma invenção de origem recente, simplesmente como uma tentativa desesperada de conciliar o relato de Gênesis com a geologia, é infundada.

Talvez o melhor tratamento em ambos os lados da questão é dado pelo Dr. Custance em seu livro. Ele afirma: “Para mim, esta questão é importante, e depois de estudar o problema por cerca de trinta anos e depois de ler tudo o que eu pude colocar as mãos sobre os prós e contras e depois de acumular na minha própria biblioteca cerca de trezentos comentários sobre Gênesis, o mais antigo datado de 1670, estou convencido de que há muitas mais razões, baseadas na evidência, para traduzir Gênesis 1:2 como: ‘Mas a terra tornou-se ruína e desolação, etc.’ do que há para qualquer uma das traduções convencionais de nossas versões modernas” (pág. 7).

Gênesis 1 e os Dias da Criação

A narrativa da criação em Gênesis baseia-se em primeiro lugar num dia de 24 horas, e em seguida, numa semana de sete dias.

Gênesis 1 descreve os primeiros seis dias da semana da criação e os primeiros versículos do capítulo 2 relata o sétimo dia.

“E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro” (Gênesis 1:4-5). Vemos a partir deste relato que Deus estabeleceu o ciclo dia-e-noite desde o início. O dia e a noite são funções da rotação da Terra, uma vez que orbita o sol. É evidente que o texto de Gênesis descreve o período de 24 horas que todos estamos familiarizados. Observe, ainda, que Deus designou o sol para separar a luz das trevas e dividir o dia da noite (versículo 14).

Quanto tempo duraram os dias da criação?

Desde a descoberta dos cientistas de que a idade da terra pode ser de bilhões de anos, pessoas bem-intencionadas têm tentado conciliar o relato bíblico com tais descobertas científicas. Algumas têm teorizado que os sete dias de 24 horas da criação foram realmente muito mais longos—possivelmente épocas de milhares ou milhões de anos. Para apoiar esta ideia, outras têm argumentado que a palavra hebraica para “dia”, *yom*, significa uma medida de tempo não especificada em Gênesis 1.

É verdade que *yom* pode significar um período indefinido, como na frase em português: “Assim é como as coisas foram feitas naquele dia”. Mas o contexto de cada um dos seis dias de Gênesis 1, na verdade, deixa claro quanto tempo durou cada dia da criação. A expressão “E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro” em Gênesis 1 é repetida para cada um dos outros cinco dias.

Aqui nós vemos “noite” se equiparando ao período noturno e “manhã” equiparada à luz do dia, e os dois juntos compõem um dia. A expressão “tarde e manhã” mostra claramente isso está se referindo aos dias de 24 horas.

Uma rotação da Terra sobre seu eixo é o significado inconfundível de *dia* no relato da criação. Ao longo da história do povo hebreu, a noite sempre significou o início de um novo dia, um período específico de 24 horas.

No entanto, visto que essa expressão particular não encerra o relato do sétimo dia (Gênesis 2:1-3), alguns tentaram prolongar o sábado da criação. Eles argumentam que o sétimo dia da criação ainda não acabou, mesmo depois de milhares de anos. Assim

deduzem que os primeiros seis dias da criação duraram milhares ou até mesmo milhões de anos. Mas a Escritura apoia este ponto de vista?

Devemos notar, em Gênesis 1, que as plantas frutíferas foram criadas no terceiro dia, mas que os insetos que as polinizariam foram criados alguns dias depois. Se isso significa alguns milhares ou milhões de anos depois, como as plantas puderam sobreviver sem os seus parceiros simbióticos?

Precisamos entender que a Bíblia interpreta a Bíblia. Veja o que diz Gênesis 1:14-19: “E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia [*yom*] e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias [*yom*] e anos . . . E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia [*yom*], e o luminar menor para governar a noite . . . e para fazer separação entre a luz e as trevas. E viu Deus que era bom. E foi a tarde e a manhã: o dia [*yom*] quarto”. Não faz sentido para o significado de *dia* mudar de um dia de 24 horas ou da parte iluminada de um dia, para um período indeterminado que dure milhões ou bilhões de anos, dentro de algumas frases.

O relato da entrega dos Dez Mandamentos confirma quanto tempo durou cada um dos dias da criação, inclusive o Sábado do sétimo dia. Êxodo 20:8-11 resume seu significado:

“Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhuma obra . . . Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra . . . e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o SENHOR o dia do sábado e o santificou [declarou santo]”.

Na definição de quando devemos observar um dos Sábados anuais de Deus, o Dia da Expição, Deus nos diz que “duma tarde a outra tarde [24 horas], celebrareis o vosso Sábado” (Levítico 23:32). O mesmo princípio aplica-se ao Sábado semanal e todos os dias de festa anuais. (Talvez você queira solicitar o nosso livro gratuito *O Sábado: de Pôr-do-sol a Pôr-do-sol, O Dia do Descanso de Deus*, para entender melhor esse mandamento bíblico).

Compreendendo Gênesis 1:1-2

Os dois primeiros versículos da Bíblia são fundamentais nesta discussão. “O prólogo de Gênesis apresenta as verdades históricas que são conjecturas necessárias para o exercício válido do conhecimento humano” (*O Novo Comentário Revisado da Bíblia*, pág. 81). Portanto, vamos dar uma nova olhada em Gênesis 1:1-2.

Tanto a Bíblia Nova Versão Internacional como a *Referência Bíblica de Scofield* sugerem que a expressão “a terra era sem

forma e vazia” (versículo 2) pode ser traduzida como “a terra tornou-se sem forma e vazia”. Em outras palavras, algo danificou a criação original descrita em Gênesis 1:1 e foi necessário que Deus restaurasse a ordem a partir do caos—e Ele o fez durante seis períodos de 24 horas seguido de um descanso sabático.

A *Bíblia Companion* assinala que, na versão do Rei James (e traduções posteriores), “o verbo ‘ser’ não se distingue do verbo ‘tornar-se’, de maneira que as lições transmitidas” nestes primeiros versículos “estão perdidas”. Este comentário continua explicando que “sem forma” (hebraico *tohu*) “é usado de um evento posterior que, não sabemos quanto tempo após a criação, se abateu sobre a criação primitiva de Gênesis 1.1”.

(Para uma descrição detalhada da lógica e das fontes de referência que apontam para a possibilidade da tradução ser “tornou-se” em vez de “era”, ver “Idade da Terra: A Bíblia Indica Um Intervalo de Tempo Entre o Primeiro e o Segundo Versículo de Gênesis?” a partir da página 72).

Basta dizer aqui primeiramente que Deus não cria nada em estado de confusão (1 Coríntios 14:33). Deus disse ao querubim (anjo) Lúcifer: “Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade [injustiça] em ti” (Ezequiel 28:15). Deus é o Deus de ordem, perfeição e beleza. Essa desordem foi causada pelo reino angelical ou pelo mundo do homem .

Comparando estas diferentes passagens, podemos deduzir que uma criação original (Gênesis 1:1) foi precedida a uma gigantesca devastação causada por Satanás (o ex-Lúcifer) e um terço dos anjos (Apocalipse 12:4), que haviam se tornado demônios. Algum tempo depois, Deus realizou uma restauração completa durante seis dias de 24 horas, seguido pelo dia de descanso, onde criou o Sábado do sétimo dia (Êxodo 20:11).

O intervalo de tempo entre Gênesis 1:1 e 1:2 é um período indeterminado que pode incluir uma extensão incalculável de anos, que representa o “vasto tempo” que os geólogos e outros cientistas descobriram nos últimos dois séculos. Assim, a própria Bíblia resolve o enigma. Nós não precisamos aumentar artificialmente os sete dias de 24 horas da criação para resolver o problema.

A *Bíblia Cronológica de Reese*, por exemplo, começa Gênesis com a relato de João 1:1, em seguida, vai para o Salmo 90:2, e depois para Gênesis 1:1, e no próximo, para os versículos da Bíblia que descrevem a rebelião angelical. Somente depois é que ele continua em Gênesis 1:2, onde menciona a devastação deixada por aquela insurreição.

Em seguida, a partir do versículo 3, temos o início da renovação da Terra em uma semana. Culminando com a criação de Adão e Eva, a semana aqui descrita ocorreu cerca de seis mil anos atrás.

As Consequências Sociais do Darwinismo

As consequências de aceitar a teoria darwiniana têm sido profundas. Houve um enorme dano moral e social na sala de aula e na sociedade.

A teoria de Darwin levou ao abandono da Bíblia e rejeição da existência de Deus e isso surtiu um profundo efeito em milhões de pessoas.

Não é por acaso que Karl Marx, o pai do comunismo, por gratidão a Darwin, enviou-o um exemplar do *Das Kapital*, seu principal livro sobre o comunismo. “Embora tenha sido desenvolvido de maneira tosca”, Marx escreveu a seu colega comunista Friedrich Engels, “este [*A Origem das Espécies de Darwin*] é o livro que, no campo da história natural, fornece a base para nosso ponto de vista”. Para outro, ele escreveu que o trabalho de Darwin “serve ao meu propósito na medida em que fornece uma base na ciência natural para a histórica luta de classes” (Janet Browne, *Charles Darwin: O Poder da Classe*, 2002, pág. 188).

Este apoio da evolução, eventualmente, ajudou a estabelecer a base filosófica para os flagelos gêmeos do comunismo e do ateísmo na Rússia, China, Europa Oriental, Camboja, Coreia do Norte e muitas outras nações.

“Genocídio, é claro”, escreve Phillip Johnson, “é apenas um nome chocante para o processo da seleção natural pelo qual um conjunto de genes substitui outro. O próprio Darwin explicou isso em *A Origem do Homem*, quando ele teve de lidar com a ausência de ‘elos perdidos’ entre o macaco e o homem. Essas lacunas eram de se esperar, ele escreveu, em vista das extinções que necessariamente acompanham a evolução”.

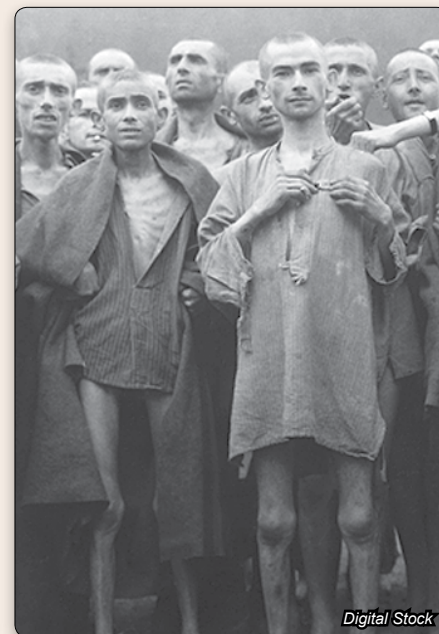
“Ele previu friamente que a evolução causaria lacunas ainda maiores no futuro, porque os mais civilizados seres humanos (isto é, europeus) logo exterminariam o resto da espécie humana e continuariam daí matando o nosso próximo parentesco no mundo dos macacos. Os darwinistas modernos não chamam a atenção para tais passagens, que mostram vividamente como é fácil o conceito da natureza amor al inerente no naturalismo evolucionista ser convertido em um plano de ação” (*A Razão na Balança*, 1995, pág. 144).

Mais tarde, Adolf Hitler, de fato, aplicou o conceito darwinista da “sobrevivência do mais apto” na raça humana. Durante a Segunda Guerra Mundial os nazistas exterminaram à força mais de dois

milhões de pessoas e começaram sistematicamente exterminando pessoas que Hitler considerava inferiores. Os nazistas justificaram suas atrocidades, racionalizando que eles estavam fazendo um serviço à humanidade através da “limpeza genética” para melhorar as raças.

Enquanto a evolução—com suas implicações de amoralidade e da mentalidade da sobrevivência do mais apto, entre as raças “superiores” e “inferiores”—for aceita e acreditada, os genocídios esporádicos, como limpezas étnicas, vistos em várias partes do mundo, continuarão tendo uma justificação científica, ainda que a maioria dos que creem na teoria darwiniana se oponha a esse raciocínio.

A Bíblia diz que, antes do retorno de Jesus Cristo, um sistema comercial mundial irá incluir o comércio de “corpos e almas de homens” (Apocalipse 18:9-13). Isto realmente poderia acontecer? Basta lembrar o holocausto nazista. Centenas de milhares de pessoas



O conceito de Charles Darwin da “sobrevivência do mais apto” tem sido usada repetidamente para justificar o genocídio contra grupos considerados inferiores.

foram destinadas ao trabalho escravo. Aquelas que eram muito fracas, doentes, idosas ou jovens demais para trabalhar enfrentaram uma morte cruel.

Lembrem-se, tudo isso aconteceu apenas a uma geração atrás e nas nações que eram consideradas as mais avançadas e cultas. Isso poderia acontecer novamente, especialmente em um mundo em que muitos têm adotado a crença no relativismo moral e na ideia da sobrevivência do mais apto.

ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)

Igreja de Deus Unida

P O Box 541027

Cincinnati, OH, 45254-1027

Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God

P O Box 705

Watford,

Herts WD19 6FZ

Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida

Caixa Postal 2027

Uberlândia – MG,

CEP 38400-983

Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet:

<http://portugues.ucg.org>

www.ucg.org

<http://www.ucg.org/beyond-today>

e-mail: info@ucg.org

Autor: Mario Seiglie

Contribuidores editoriais: Scott Ashley, Tom Robinson,

John Ross Schroeder, Eric Snow

Revisores editoriais: John Bald, Bill Bradford, Roger Foster, Roy

Holladay, Paul Kieffer, Burk McNair, Donald Ward

Capa: Shaun Venish

Artista de layout em Português: Michelle Vautour

Tradutor: Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Para Saber Mais . . .

Quem Somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nossas raízes remontam à Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus em todo o mundo, como um testemunho, e também ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Gratuidade: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional de interesse público. Nós o convidamos a solicitar sua inscrição gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se em nosso Curso Bíblico, composto de doze lições, que também é gratuito.

Somos gratos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e doutros colaboradores que, voluntariamente, contribuem para apoiar esta obra. Nós não solicitamos fundos ao público em geral. No entanto, são bem-vindas as contribuições para ajudar-nos compartilhar esta mensagem de esperança com outros. Detalhes bancários para depositar seus dízimos ou ofertas estão na contra-capa da revista A Boa Nova. Nossa contabilidade é auditada anualmente por uma firma independente de auditoria.

Aconselhamento pessoal: Jesus ordenou aos seus seguidores a apascentar Suas ovelhas (João 21:15-17). Para cumprimento dessa instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações ao redor do mundo, onde os crentes reúnem-se para receberem o ensinamento das Escrituras e para se confraternizarem.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o caminho de vida de Deus com aqueles que, fervorosamente, buscam adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo.

Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhamento, para responder a questões e dúvidas sobre a Bíblia. Caso deseje contatar um ministro, ou visitar uma de nossas congregações, sinta-se à vontade para entrar em contato o nosso escritório mais próximo.

Informação adicional: Visite o nosso site <http://portugues.ucg.org> para solicitar ou baixar os nossos guias de estudo Bíblicos ou a revista A Boa Nova. Se desejar corresponder-se conosco em português, por favor envie um e-mail para info@ucg.org ou escreva a um dos endereços listados neste guia de estudo Bíblico.